

Ana Claudia Bandeira Barbosa

PERFIL DE PRUDENTE DE MORAES, NETO

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP, para  
obtenção do título de Mestre em Letras.  
Área de Concentração: Teoria Literária e  
Literatura Comparada.  
Orientador: Prof. Dr. José Carlos Zamboni

Assis  
2002

## Agradecimentos

Agradeço:

ao apoio da FAPESP que financiou a formulação desse trabalho proporcionando a sua realização.

ao Prof. Dr. José Carlos Zamboni pela paciência com que tantas vezes compartilhou comigo, um pouco, do seu saber.

aos meus familiares e amigos pelo estímulo solstício.

**“É um destino ausente, mas uma presença constante”**  
Afonso Arinos de Mello Franco

## SUMÁRIO

Lista de abreviaturas	p. 08
Resumo	p. 09
Introdução	p. 11
Dados biográficos de Prudente de Moraes, neto	p. 18
A formação intelectual	p. 23
A descoberta de dois mundos	
<i>Estética</i>	p. 36
O Nascimento de Pedro Dantas	p. 46
Colaborações de Prudente na imprensa	
E Prudente se recusa a publicar...	p. 58
Prudente de Moraes, neto, e amigos	p. 65
Mário de Andrade	p. 66
Manuel Bandeira	p. 73
Carlos Drummond de Andrade	p. 82
Afonso Arinos de Melo Franco	p. 86
Sérgio Buarque de Hollanda	p. 92
Prudente: o boêmio e marginal	p. 93
Fernando Sabino	p. 99
Pedro Nava	p. 104
Ferreira Gullar	p. 107
Ribeiro Couto	p. 109
O Moraes-Pedro não contava a ninguém	p. 111

## LISTA DE ABREVIATURAS

BN (Biblioteca Nacional)

FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa)

IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)

BM (Biblioteca Mário de Andrade)

## RESUMO

O trabalho de mestrado *Perfil de Prudente de Moraes, neto*, buscou recuperar parte dos artigos publicados pelo autor em diferentes periódicos. Dessa forma, esse trabalho será composto por uma introdução bibliográfica e intelectual de Prudente de Moraes, neto, apresentado por meio de alguns de seus amigos; logo após segue o corpo do trabalho, que é uma reprodução de parte dos artigos encontrados.

Quanto à organização do trabalho, este contará, de início, com o prefácio introdutório, composto pelos dados biográficos do autor, de maneira mais ampla, em suas características intelectuais de crítico e estudioso da literatura brasileira, seguido do *corpus* central, ou seja, a reprodução parcial dos artigos encontrados.

### Palavras-chave

Literatura Brasileira; Jornalismo Literário; Modernismo; Memória Nacional; Ensaio; Pedro Dantas; Prudente de Moraes, neto.

## ABSTRACT

The master degree project *Perfil de Prudente de Moraes, neto*, tried to recover part of the articles published by the author in different newspapers. This way, this project will be composed by a biographical and intellectual introduction of Prudente de Moraes, neto, presented through some of his friends; right after the project itself will follow, which is a reproduction of a part of the articles found.

As for the organization of the project, this will contain, in its beginning, the introductory preface, composed by biographical data from the author, on a wider view, about his intellectual characteristics as a critic and studious man of the Brazilian literature, followed by the central “corpus” what means, a partial reproduction of the articles found.

### Keywords

Brazilian Literature; Literary Journalism; Modernism; National Memory; Rehearses; Pedro Dantas; Prudente de Moraes, neto.

## INTRODUÇÃO

O trabalho de mestrado se propôs realizar o resgate de parte da obra do escritor Prudente de Moraes, neto, procurando localizar os artigos por este publicado em diferentes periódicos, no período de 1932 a 1963, já que a sua obra encontra-se, praticamente, inédita.

Prudente de Moraes, neto, nasceu em 1904 no Rio de Janeiro e faleceu em 1977. Suas atividades estendem-se ao campo do jornalismo, da advocacia, da literatura, e embora tenha mantido, quase que regularmente, a sua atividade enquanto escritor, não se empenhou em reunir em livro o conjunto de seus artigos e ensaios, o que o torna quase completamente desconhecido por parte do grande público.

Esse trabalho, portanto, está centrado no resgate de parte dos textos publicados pelo autor, e na editoração dos mesmos, não tendo como objetivo se estender à análise e crítica literária especificamente, assim, a abordagem dos dados coletados sobre o autor e sua obra será feita de forma abrangente.

Vale ressaltar que os artigos localizados na pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida nos anos de 1997 e 1998 (financiada pela FAPESP — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) deu-se nos periódicos: *Estética*, *Terra Roxa*, *Revista de Antropofagia*, *Revista do Brasil* e *A Ordem*, assim como os

artigos jornalísticos sobre literatura do período de 1964-1977 encontrados no jornal *O Estado de São Paulo*, estarão compondo o trabalho de mestrado na tentativa de mostrar o autor em suas diferentes fases.

O projeto de Iniciação Científica ficou vinculado à pesquisa trienal do orientador, o Prof. Dr. José Carlos Zamboni, a ser apresentado à CPRT. Sendo assim, minha atividade como colaboradora dentro do projeto foi desenvolvida a partir da localização, colaboração na seleção dos ensaios encontrados, assim como em sua organização.

Esse material foi organizado pelo orientador para publicação, sob o título *Do pé para a pauta*, tendo como *corpus* os artigos sobre MPB (Música popular brasileira) publicados no jornal *O Estado de São Paulo*. Portanto, mesmo não sendo objeto de estudo específico do mestrado, por sugestão do orientador, o material coletado no período da Iniciação Científica, referente à literatura, foi anexado ao material encontrado no mestrado, numa tentativa de mostrar de forma mais completa o autor estudado em questão.

Para que se efetuasse o resgate de parte dos artigos de Prudente de Moraes, neto, na Iniciação Científica, foi preciso percorrer várias fontes. O material foi encontrado na cidade de São Paulo. As consultas foram realizadas na Biblioteca Municipal Mário

de Andrade, no Arquivo do Estado, no Centro Cultural (Vergueiro), na USP (Universidade de São Paulo), mais propriamente no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros).

Os periódicos (*Estética, Terra Roxa, Revista de Antropofagia, e A Ordem*) tiveram que ser examinados em toda a sua extensão, pois não se tinha a informação precisa de quando ou em que caderno ou suplemento o autor havia colaborado. Dessa forma, foi preciso consultar folha por folha não só das revistas citadas acima, mas também do jornal *O Estado de São Paulo*, no período de 1964-1977, o que foi exaustivo, além da delonga.

Na Biblioteca Mário de Andrade, a maioria do material encontrava-se em microfilme. A consulta aos mesmos exigia um agendamento prévio, assim como carta explicativa do orientador sobre as consultas a serem feitas. Já a reprodução dos textos foi efetuada paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa.

No Arquivo do Estado o trabalho se deu também por meio dos microfilmes, não sendo necessário agendamento prévio, por outro lado, o pesquisador corria o risco de aguardar, se não tivesse máquinas disponíveis o suficiente, de duas até quatro horas. A reprodução dos textos levou, em média, seis meses, tempo considerado muito excessivo.

No Centro Cultural foi pesquisada, em microfilme, uma parte dos textos da década de 70 publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, as cópias do material a ser reproduzidas foram efetuadas em paralelo à pesquisa, o que acelerou e também facilitou o trabalho. Não foi necessário nenhum agendamento prévio.

Na Universidade de São Paulo, mais precisamente no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), muitos dos textos encontravam-se em original e devido à má conservação dos mesmos não foi possível xerocopiá-los. Assim, estes tiveram de ser copiados à mão, o que implicou em um despendimento maior de tempo.

Para a dissertação de mestrado, procurou-se localizar a produção do escritor entre os anos de 1932 a 1963. Como foi obtida a reunião de um vasto material, decidiu-se selecionar, dentre esses, apenas o material ensaístico referente à literatura, mas foi encontrado um grande número de artigos compondo a fortuna crítica do autor, até então, completamente desconhecida, além de algumas correspondências (ativa e passiva), entrevistas e poesias inéditas.

Também procurou-se localizar a produção do autor em diferentes jornais como: *Correio da manhã*, *A Manhã*, *O Jornal* (década de 20), *Diário Carioca*, *Folha Carioca* (década de 40), *Jornal de Letras*, *Tribuna da Imprensa* (década de 50), *Jornal do Brasil* (década de 70).

A maior parte do material localizado deu-se na cidade do Rio de Janeiro. Foi preciso consultar a Biblioteca Nacional, a Fundação Casa de Rui Barbosa, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a ABI (Associação Brasileira de Imprensa).

Na Biblioteca Nacional a maioria dos textos encontrava-se microfilmada, mas também foram necessárias algumas consultas aos originais. A reprodução dos textos localizados (a maioria referente ao *Jornal do Brasil*), não ocorreu em paralelo à pesquisa e o envio dos textos coletados levou, em média, dois meses. Tempo considerável e não muito excessivo.

Na Fundação Casa de Rui Barbosa o material encontrava-se todo em original. Dentre esses, há manuscritos com estudos literários, cartas, discursos proferidos na ABI, documentos pessoais, recortes de jornais. A reprodução do material ocorreu paralelamente à pesquisa. Além disso, houve uma receptividade e atenção por parte dos funcionários para que se efetuasse o trabalho de maneira satisfatória.

Outros tantos manuscritos, assim como missivas, cartões postais e artigos de jornais foram encontrados no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro aumentando consideravelmente o número de textos coletados. Por outro lado, o que dificultou a pesquisa foi o tempo que o material levou para ser reproduzido e enviado pelo correio. O tempo estimado foi de uma semana, mas na verdade foram

quatro meses até que os mesmos fossem recebidos (o que ocorreu somente após vários contatos solicitando o material).

Na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o material reunido centrou-se em recortes de jornais que relatavam a notícia da morte do autor, registrada em vários periódicos e publicados em diferentes estados brasileiros.

Deve-se ressaltar, ainda uma vez, a dificuldade em se trabalhar com manuscritos. Os obstáculos vão desde a permissão para manusear e reproduzir o material, até a atenção que deve ser redobrada para a leitura dos textos nem sempre legíveis, às diferentes caligrafias, à má conservação do papel devido à ação do tempo, muitas vezes implicando na reprodução manual dos mesmos, e, acima de tudo, ao tempo que se deve despendar para a leitura dos mesmos.

As informações sobre os períodos a serem pesquisados nos jornais, nem sempre foram precisas. Algumas instituições afirmavam possuir o material, o que nem sempre ocorria. Assim foi necessário ir de um lugar a outro para que se completasse todo o período de trabalho proposto pela pesquisa, o que também gerou um maior despendimento de tempo.

Enfim, essas dificuldades aqui expostas não têm a finalidade de lamento, mas sim de testemunho, numa tentativa de registrar os obstáculos, para que talvez, no futuro, instituições e pesquisadores

encontrem maneiras mais eficientes e rápidas para as dificuldades reais e práticas que esse tipo de trabalho implica.

Quanto à organização do trabalho, este contará, de início, com o prefácio introdutório, composto pelos dados biográficos do autor, em que este será apresentado também por meio de alguns de seus amigos, de maneira mais ampla, em suas características intelectuais de crítico e estudioso da literatura brasileira, seguido do *corpus* central, ou seja, a reprodução dos artigos encontrados.

## CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA

1904

Prudente de Moraes, neto, nasce no Rio de Janeiro, em 23 de maio, na rua Maloino Reis, mais tarde rua Aristides Lobo, no Rio Comprido.

Filho de Prudente de Moraes, filho, e Blandina Moraes; neto do ex-presidente da República, Prudente de Moraes.

Com dois meses de idade perde a mãe e a única irmã de apenas 3 anos.

1909

Aos 5 anos faz sua primeira viagem para a Europa, levado pelo avô materno, o general Luís Mendes de Moraes.

1913

Aos 9 anos vai novamente para a Europa, desta vez com seu pai, o deputado Prudente de Moraes, filho.

1917

Inicia o curso ginásial no Colégio Pedro II e escreve seu primeiro artigo em *A Época*, revista da Faculdade de Direito, sobre um livro de versos de Prado Kelly – *Alma das coisas*.

1922

Conhece Sérgio Buarque de Hollanda e nesse mesmo ano reage contra a Semana de Arte Moderna.

1924

Prudente de Moraes, neto, funda a revista *Estética* juntamente com Sérgio Buarque de Hollanda.

1925

Colabora para o *Diário de Notícias* e para as revistas: *Revista Nova*, *Terra Roxa* e *Revista do Brasil*.

1927

Estréia a crítica de cinema, escrevendo um artigo sobre o filme Bem-Hur no *O Jornal*, de Assis Chateaubriand.

1928

Em 1928 escreve um artigo para a *Revista de Antropofagia*.

1930

É válido acrescentar a sua participação nas três revoluções brasileiras ocorridas respectivamente nos anos de 1930, 1945 e 1964.

1931

Escreve crítica de poesia para a revista *A Ordem* até 1932.

1936

Em 1936, Prudente de Moraes, neto, exerce o cargo de diretor, além de fundar a disciplina de Técnica e Críticas literárias, que hoje corresponde à disciplina de Teoria Literária, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, onde permaneceu até 1939.

Falece o pai de Prudente, Prudente de Moraes, filho.

1939

Publica o seu mais longo ensaio, *O Romance brasileiro*.

Exerce a advocacia de 1939 a 1943, além de prestar serviços à Assistência Jurídica do Patrimônio Histórico.

1944

Cria a primeira crônica de turfe da imprensa brasileira, no jornal *Folha Carioca*.

1945

Colabora no jornal *Diário Carioca*.

De 1944 a 1955 exerce o cargo de Presidente do Partido Republicano.

1955

De 1955 a 1962 Prudente atua como redator-chefe do *Diário de Notícias*.

1958

Chefia a Sucursal do jornal *O Estado de São Paulo*, no Rio de Janeiro até 1967.

1964

Escreve para o jornal *O Estado de São Paulo*, atividade que se estenderá até 1977.

1970

Inicia a colaboração no *Jornal do Brasil*.

1975

Em setembro é nomeado Presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), cargo que ocupará até sua morte.

Além das atividades expostas acima, vale acrescentar também a sua condição de membro do Conselho Deliberativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, além do cargo que exerceu de Jurisconsulto da Light.

1977

Em junho começam aparecer os primeiros sintomas da doença, que mais tarde o acometeria.

No dia 21 de novembro ocorre o último encontro político de Prudente, que nesta data recebe, em sua casa, a visita do Senador Petrônio Portella.

Falece às 2h:30min, do dia 22 de dezembro, de neoplasia pulmonar.

## A FORMAÇÃO INTELECTUAL

Não há praticamente notícias sobre a infância de Prudente de Moraes, neto, sabe-se somente que aos 5 anos fez sua primeira viagem à Europa, levado pelo avô materno, e aos 9 anos foi novamente para a Europa, mas desta vez foi seu pai, o deputado, Prudente de Moraes, filho, que o assistiu na viagem.

Em 1917 iniciou o curso ginásial no Colégio Pedro II. Prudente estava com 13 para 14 anos e estudava por essa época os clássicos: Camões, Bocage, Sá de Miranda e tinha pela literatura portuguesa um apreço especial.

É em meio aos clássicos e à concepção da literatura tradicional que se encontra Prudente em 1922, apoiando as idéias anti-modernas, já que por esse período os artistas estavam divididos em duas correntes: os que pretendiam inovar e os que procuravam conservar o tradicional.

E é nessa última corrente que o jovem Prudente de Moraes, neto, se insere, pois este só aderiu aos preceitos modernos após a leitura do poema *Santa Maria Egípcíaca*, de Manuel Bandeira, descoberta que se deu por meio das aulas de João Ribeiro, crítico e professor muito admirado por parte dos estudantes da época e o responsável pela apresentação da obra de Bandeira.

Infelizmente, não se tem informações precisas sobre a infância e adolescência do autor. Dessa forma, optou-se por resgatar a fase de estudante, no Colégio Pedro II, já que este é o único período de que se tem testemunho, e, na voz do próprio Prudente.

Em suas memórias, publicadas no ano de 1946 no jornal *Diário Carioca*, a imaginação ganhou espaço e foi desenvolvida para formar o retrato de seus personagens, que transitaram entre o mundo fantástico e o mundo real, e foram habilmente reconstruídos em suas características.

As rodas que se formavam nos cafés Vista Alegre, Quinta da Boa Vista, Café e Bilhares Bussaco, Colombo, Leitaria Minas e Rio, lugares simples onde os “meninos-estudantes” já iniciavam discussões sobre literatura (crítica e criação), espaço aberto para o início da formação dos gostos e tendências.

Os professores, os colegas, o ambiente do Colégio Pedro II foram pintados com pormenores, detalhes, frases que caracterizavam os personagens em suas particularidades até mesmo lingüísticas, demonstrando uma destacada capacidade, por parte do autor, na construção do discurso.

No Colégio Pedro II, principalmente nos primeiros dias de aula, o que se evidenciava era a rígida disciplina que deveria ser seguida à risca, o que causou em Prudente um certo mal-estar. O

exagero de regras impostas pela disciplina, o silêncio obrigatório nas horas vagas, sendo permitida somente a leitura dos livros escolares, e ainda, a punição para o não cumprimento das regras, às quais, entre outras, levavam os alunos a serem “privados de saída”. Assim, o término das aulas causava um enorme bem-estar, a retirada do uniforme era como uma verdadeira libertação.

Os privados de saída ficavam duas horas, eram 120 minutos, em silêncio absoluto, após ouvir alguns conselhos do Seu Salatiel, que ficava responsável pelos “privados de saída”. Seu Salatiel, de porte britânico e fisionomia assustadora, assumia, porém, ao aconselhar os meninos, uma postura quase branda.

No entanto, a adaptação ao Colégio, o gosto e afeição pelo mesmo, que em princípio pareciam ser impossíveis, ganharam espaço, deixando de lado o desconforto sentido nos primeiros dias de aula.

Devido ao excesso de disciplina, os alunos repetentes causavam verdadeira admiração nos outros colegas, já que conheciam de antemão alguns professores e alunos. Um dos meninos “repetentes” estudava na turma de Prudente, seu nome era Leopoldo Ferreira Valente, personagem citado pelo autor e reconstruído em suas características de ciclista, que habilmente conseguia conversar, em sala, sem ser notado pelo inspetor e assim conseguia se comunicar com os outros colegas.

O inspetor “seu Andrade”, de terríveis hábitos disciplinares, era o mais famoso pelas suas “maldades” realizadas com os alunos. Quando foi designado para assistir a turma de Prudente, este se prontificou a saber todas as regras, os direitos e deveres dos estudantes, para que “seu Andrade” não abusasse da autoridade. O tempo foi passando e Prudente diz não ter presenciado nenhuma injustiça com ele ou algum de seus colegas, embora a carranca permanente e a rigidez do inspetor fossem desagradáveis e motivos de sobra para que os meninos o vissem como um inimigo.

Com um sinal no rosto, que parecia ser uma navalhada, “seu Andrade”, se afeiçoava aos personagens de filmes de terror, mas Prudente começou a pensar sobre a vida daquele homem. Será que a “navalhada” era uma cicatriz devido a uma briga de amor? E, como um “escavador”, o autor descobre por detrás da carranca pesada de seu Andrade, a sua humanidade numa tentativa de ver além da “fera”, em busca do “humano”, ele discorre sobre histórias — “imaginárias investidas”, histórias fantásticas que construiria a vida daquele homem, seu personagem.

O curso era constituído por oito disciplinas, mas sendo obrigatórias apenas cinco destas, as outras três eram: desenho, ginástica, e instrução militar — as quais não influenciavam na promoção de ano, mas exigiam aulas práticas e teóricas.

Geografia era a disciplina em que o autor tinha maior dificuldade, devido ao seu caráter “decorativo”, método muito criticado pelo mesmo, já que este o considerava como “um exercício de memória”.

Ainda com relação ao ato de “decorar”, o autor fez outra crítica a respeito dos Concursos, de uma maneira geral. Em um de seus artigos, confessa que apesar de apreciar muito o exercício da cátedra, nunca se imporia tal castigo: decorar, desumanamente uma série de conteúdos, os quais não seriam apreendidos, mas apenas repetidos.

A avaliação dos concursos, segundo Prudente, para admissão de professores, comprovavam a capacidade científica, nem sempre compatíveis com as necessidades de ensino: “Conhecimento e matéria, é uma coisa. Arte de transmitir esse conhecimento na medida da capacidade e conveniência dos alunos, é coisa completamente diversa”.

A grande questão que atormentou o autor em sua fase inicial de estudante era: entrar ou não entrar nas aulas, o que se tornou uma dúvida fundamental, pois a vida nos cafés, os cinemas, o futebol, a praia, enfim, “a vida”, parecia de tal forma separada dos afazeres estudantis.

De um lado estava a importância dada às conversas com amigos — as quatro horas — de absoluta liberdade a ser desfrutada, do outro lado, estavam os deveres, o estudo, as obrigações estudantis.

Mas às tais “gazetas”, como o próprio autor as chama, ou seja, o não comparecimento, seguia-se o remorso por ter faltado à aula, o que não acontecia com todos, apenas com aqueles que achavam que tinham tanto a aprender para a formação mínima cultural que almejavam, e sendo assim, não deveriam perder tempo com os divertimentos.

Por outro lado, nessas mesmas gazetas, os meninos também discutiam questões fundamentais de vida que os mestres jamais ensinariam: “O mundo didático superposto ao mundo real, enquanto o primeiro preparava para os exames, concursos, discussões, mas não para entender o mundo e para viver”.

Era nos cafés, e em especial na Leiteria Minas e Rio, que os estudantes criaram a sociedade anônima “Café com leite”, a qual se propunha “objetivos exclusivamente culturais”, e onde os alunos do Colégio Pedro II se refugiavam das lições.

Foi ainda no Pedro II que Prudente escreveu seu primeiro artigo para *A Época*, revista da Faculdade de Direito, sobre um livro de versos — *Alma das coisas*, de Prado Kelly, autor que, segundo

Prudente, o fez descobrir a poesia de Menotti Del Picchia e também o apresentou a Graça Aranha.

Enfim, participando das gazetas ou entrando nas aulas, o autor, por meio da vivência e convivência durante o período em que estudou no Colégio Pedro II, formou as bases dos seus conhecimentos.

Mais do que sobre o conteúdo das aulas, aprendeu sobre o mundo como um todo, os primeiros contatos com os colegas e professores lhe trouxeram o lado humano e real da vida.

## A DESCOBERTA DE DOIS MUNDOS

Em 1918, após ter contraído sarampo e a gripe espanhola, Prudente de Moraes, neto, foi obrigado a ficar três meses em casa. Período em que coincidiu com o último bimestre do ano letivo do Colégio Pedro II, o que levou o autor a empreender e a “fiscalizar” o seu estudo autodidata.

Esses acontecimentos levaram-no a procurar outras leituras. Foi então que se encaminhou para a estante de seu pai e começou a ler, de maneira incontida e fascinada, um romance, que devido às suas características, apresentava-se de forma diferente em relação a tudo que Prudente havia lido e entendido como literatura.

“*A descoberta do mundo — o da literatura*”, deu-se justamente nesse período, e a obra responsável por uma súbita paixão e desenfreado interesse pelo mundo literário foi o romance de André Gide — *Isabelle*, obra que proporcionou a descoberta da plurissignificação do texto literário. O autor declara: “(...) Eis como recebi a revelação de um sentido e de uma força que até então não suspeitava que os livros pudessem trazer (...)”<sup>1</sup>

Quanto à descoberta do modernismo, esta não se deu

prontamente, pois Prudente de Moraes, neto, nem mesmo participou da Semana de Arte Moderna. Por esta época, ainda era a poesia de Olavo Bilac que o fascinava, a rigidez das formas, os versos metrificadas e rimados segundo as normas do parnasianismo, era a estética literária que o embalava em suas leituras de menino de 18 anos, em busca de sua formação cultural, que mudaria, segundo Prudente, após a descoberta do modernismo.

A afeição pelo movimento modernista nasceu após a leitura do poema de Manuel Bandeira, *Santa Maria Egípcíaca*. A primeira leitura foi de indignação, já que o poema rompia com a estética antes seguida pela maioria dos poetas brasileiros, indo contra os preceitos da estética parnasiana, que tanto agradava a Prudente.

Mas, ao contrário do que se esperava, os versos de *Santa Maria Egípcíaca* voltavam à mente do autor, insistentemente, o que o fez parar e pensar o que estaria por trás dessa nova literatura, pela qual, sem querer, o autor já se deixava conduzir. Foi a partir de então que Prudente se propôs rever os seus princípios literários e estéticos e reavaliou os antigos valores, passando de parnasianista à modernista. Ele declarou: “(...) E da aceitação desse poema como poema, nasceu, para mim, a compreensão de todo o vasto campo da poesia moderna

---

<sup>1</sup> MORAES, neto, Prudente de. A descoberta. *Diário Carioca*, 14 ago. 1946.

(...)<sup>2</sup> E em uma entrevista<sup>3</sup> o autor descreveu como se deu a sua inserção no modernismo, as dúvidas e reflexões que precederam a sua posição em favor do movimento.

*(...) Quando se deflagrou o movimento modernista, com a Semana da Arte Moderna de São Paulo, em 1922, reagi como todos os piores inimigos da época em relação com essa coisa que parecia uma loucura, realmente uma loucura. O Monteiro Lobato tinha traduzido bem isto num famoso artigo de crítica à exposição de Anita Malfatti, em 1917— Paranóia ou mistificação. Essa era a síntese do pensamento não modernista em relação ao Modernismo. E eu participava dessa opinião. Mas não era ninguém: não tinha obrigação de pensar nada sobre pintura, nem sobre poesia.*

*(...)*

*Aconteceu então uma coisa curiosa: encontrei, folheando uma daquelas revistas que impressionavam mais pelo volume e pela apresentação gráfica do que por qualquer outro motivo, uma poesia de Manuel Bandeira. Tinha especial interesse pelo Manuel Bandeira, porque conhecia Souza Bandeira, tio dele, e sabia que o rapaz era poeta. E li aquele poema com o mais indignado horror, porque contrariava todas as noções que tinha, que achava razoáveis como técnica poética, como concepção poética. Para mim, aquilo era um atentado, e até comentei com alguns colegas do Pedro II: “Mas que coisa horrorosa”. Mantive-me nessa posição por alguns dias. E veio acontecer o seguinte: um dia comecei a repetir para mim mesmo versos desse poema horrível.*

E o poema, como já se disse anteriormente, era a balada de

*Santa Maria Egípcíaca:*

<sup>2</sup> MORAES, neto, Prudente de. A estrela na testa. *Diário Carioca*, 21 abr. 1946.

<sup>3</sup> MORAES, neto, Prudente de. A morte do romance. *O Estado de São Paulo*, 25 dez. 1977.

*(...) Isso aconteceu uma, duas, três vezes, até que um dia fiz a seguinte pergunta: ‘Porque repito e me lembro de um poema que considero horroroso, o fim da picada?’ Não tem sentido. Se é o fim, por que é que me voltam à memória esses versos? Por que me marcam de tal maneira, que não consigo me esquecer deles? Só há uma resposta: é que não são tão ruins assim. Pelo contrário, devem ser bons que não consigo me desprender do que dizem. Eles ficaram em mim, me marcaram, me entraram na carne. Então são bons versos? Então é um bom poema?*

*Mas, admitindo a hipótese de ser um bom poema então ele deve obedecer a uma boa estética, a uma boa concepção da poesia e das coisas, a uma boa concepção da poesia em função da vida. Então é preciso rever tudo isso. E revi. Revi e mudei. Mudei e não tinha que dar satisfação a ninguém era um cidadão, um particular. Mudei e fiquei quieto.*

A atuação de Prudente de Moraes, neto, como já foi dito anteriormente, não se restringiu ao meio literário. Pelo contrário, esta estendeu-se para o jornalismo, o Direito, a política, a Cátedra, para os assuntos sobre turfe (esporte apreciado pelo autor, que aprendeu a ler sozinho nos programas de corrida no Derby Club e no Jockey Club, levado pelo avô materno, o general Luís Mendes de Moraes).

Vale lembrar a sua paixão pelo futebol: “Meu gosto pelo futebol vem antes do colégio, do tempo das peladas na rua Barão de Itambi onde morei 13 anos. Quebrávamos algumas vidraças mas interrompíamos o jogo para deixar passar Bilac que vivia na casa pegada à de meu pai”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> ALVIM, Teresa Cesário. O homem cordial. *O Estado de São Paulo*, 19 maio.1974.

Em particular, o seu interesse se deu pelo simples e modesto time do Madureira. Sentimento que nasceu após se impressionar com o entusiasmo dos jogadores, apesar das dificuldades financeiras, tornando-se até sócio do clube, após uma proposta feita por Jota Efegê.

Sua atividade estendeu-se também no campo da criação. Compôs vários sambas inéditos “no melhor estilo do Partido Alto”, segundo o depoimento de Cláudia Rodrigues<sup>5</sup>, e o seu lado de compositor não pára por aí, “Armando Nogueira e Pompeu de Souza, dizem saber, inteiras, uma valsa e uma marcha-rancho que ele fez”<sup>6</sup>.

Além disso, podemos tê-lo, na criação, por meio de sua poesia “bissexta”, reunida, em parte, na obra de Manuel Bandeira intitulada *Antologia do poetas brasileiros bissextos contemporâneos*.

Existe também três contos, todos da década de 20 — *As mortes de Nero*, publicado no 1º número de *Estética*, *Maria da Glória*, na revista *Terra Roxa*, e *Bazar Colosso*, na *Revista Nova*. Além disso, há seus estudos literários, encontrados, em grande parte, em manuscritos, dos quais muitos se remetem à permanente reflexão que o autor se propunha, mudando de opinião, se desvencilhando dos casulos estruturados da tradição, para aventurar-se pelos novos

---

<sup>5</sup> RODRIGUES, Cláudia. s. tit. *Gazeta de Notícias*, 25 maio.1974.

<sup>6</sup> CABRAL, Sérgio. ABC de Prudente. *Boletim ABI – Suplemento Especial*. Rio de Janeiro, mar.

caminhos lançados pela revolução artística que teve início em 1922.

Sem ímpetos, sem exageros (sempre prudente, como seu nome diz).

## A CRIAÇÃO DA REVISTA ESTÉTICA<sup>7</sup>

“(…) A diferença entre o presente e o passado é que o presente constitui, de certo modo, uma consciência do passado.”<sup>8</sup>

É em meio às inovações e características modernistas, que em 1924 Prudente de Moraes, neto, juntamente, com Sérgio Buarque de Hollanda, fundou a revista *Estética*, sucessora da *Klaxon*, já então fora de circulação.

*Estética* circulou de setembro de 1924 a novembro de 1925, teve apenas três números devido às dificuldades financeiras assinaladas pelo próprio Prudente de Moraes, neto, no ensaio introdutório *Vida da Estética ou estética da vida*. Além da questão financeira, o grupo de *Estética* dispersou-se devido a algumas discordâncias entre os fundadores da revista e um de seus principais colaboradores, Graça Aranha.

Enquanto a *Klaxon*, que circulou de 1922 a 1923, afirmou o movimento modernista, *Estética* deu continuidade às idéias, procurando estabelecer suas características individuais, e que, depois, seriam sucedidas em 1925 pela *Revista* de Minas Gerais.

*Estética* consistiu, segundo Prudente, na “apresentação de

---

<sup>7</sup> ESTÉTICA. 1924/1925. Edição facsimilada. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.

<sup>8</sup> ELIOT, T.S. Tradição e talento individual (Trad. de Ivan Junqueira ) In: *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989.

uma revista literária (não exclusivamente literária, mas de cultura geral, aspirando a obter colaboração científica e filosófica)”. Percebe-se com essa afirmação a variedade de assuntos que a revista se propunha, não se restringindo somente à literatura.

Prudente de Moraes, neto, também assinala o receio de alguns escritores em colaborar para uma revista dirigida por dois jovens “*jeunes poètes si sympathiques*”, como disse Blaise Cendrars.

Alguns colaboradores comuns de *Klaxon* e *Estética* foram: Antônio Carlos de Couto Barros, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Renato Almeida, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Hollanda e Sérgio Millet, nomes significativos no movimento e que, presentes em ambos periódicos, só vêm a confirmar o sentido de continuidade das idéias inovadoras lançadas pela *Klaxon* e “continuadas” pela *Estética*.

Era preciso lançar a revista em outras capitais do Brasil, além do Rio de Janeiro. Em São Paulo quem recebeu a remessa de *Estética* foi José Olímpio Pereira, que, encomendou 50 exemplares, vendeu todos e encomendou mais 30. Em Belo Horizonte, a responsabilidade ficou com Afonso Arinos de Mello Franco e Pedro Nava. Em Recife, o periódico ficou aos cuidados de Joaquim Inojosa. Além dessas cidades, também “foi enviada às principais revistas européias e americanas”. Com isso percebemos o processo inverso pelo qual

estava passando a cultura brasileira, que não mais importava modelos do exterior, mas começava a exportar a sua própria arte.

Devido às dificuldades financeiras, não foi possível editar o quarto número da revista, o que deixou de lado colaborações já prestadas por Oswald de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, entre outros.

Mas, segundo Prudente de Moraes, neto, *Estética*, em seus três números publicados, conseguira atingir a sua principal meta:

*Estética propusera-se duas metas principais: apresentar o modernismo antes em seus trabalhos de reconstrução que de demolição deixando implícita ou em segundo plano as contestações dos valores superados; e exercer a crítica do movimento que participava partindo do pressuposto de que só o modernismo tinha condições para discutir e criticar suas proposições e suas obras, tão completa era, fora dos seus quadros, a incompreensão das suas técnicas e dos seus fins. Divulgaria o que estava procurando criar em poesia, ensaio, conto, romance (...)*<sup>9</sup>

Dessa forma, *Estética* parece haver amadurecido os primeiro ímpetus dos ideais lançados em 1922, a sua preocupação não se centrava, portanto, nos “valores já superados” de destruição, mas em uma análise mais aprofundada dos conceitos modernistas, procurando obter uma visão mais abrangente dos mesmos.

Vale lembrar que o processo destrutivo, presente no primeiro

momento modernista foi necessário para que os artistas obtivessem a ruptura com os sistemas tradicionais vigentes até então, e o amadurecimento das idéias desenvolvidas posteriormente só foi possível devido a essa característica radical de negação aos valores precedentes.

Das páginas agitadas de *Klaxon*, passou-se então às páginas “ponderadas” de *Estética*, idéias que foram propagadas posteriormente, em 1925, pela *Revista* de Belo Horizonte.

É interessante verificar que, apesar de *Estética* apresentar uma preocupação com o aspecto nacional brasileiro, esse não é mais tão acentuado (pois o sumário da revista é dividido em: Literatura Brasileira, Anglo-Saxônias e Francesa), o que demonstra não mais a negação ao estrangeiro, mas a percepção da síntese que havia formulado o caráter da literatura nacional.

A preocupação com a questão da nacionalidade, embora já atenuada, fez com que alguns autores mostrassem e demonstrassem a sua arte e o seu país ao exterior, por meio de alguns estrangeiros.

Assim, Oswald de Andrade dedicou o seu livro *Pau-Brasil* a Blaise Cendrars, escritor francês que na década de 20 chegou ao Brasil e colaborou para a produção literária do momento. Prudente de Moraes, neto, dedicou o poema *Baependi* ao seu amigo alemão

---

Wickelman Köpke, do qual infelizmente não se tem maiores informações.

Quanto aos artigos de crítica escritos por Prudente de Moraes, neto, para a revista *Estética*, esses parecem justamente refletir as propostas que permeavam o periódico. Reafirma-se a necessidade de se retornar ao passado e conhecer o Brasil, já que esse possui “tantos historiadores e pouca história”, como afirma o próprio autor, há a necessidade de se (re) pensar a nacionalidade, as letras, as artes e (re) estudá-los, (re) vê-los de maneira crítica e consciente.

No artigo sobre *A escrava que não é Isaura* de Mário de Andrade, Prudente deixa claro que o que interessa não é a expressão da obra artística de Mário, mas a “imperfeição de sua personalidade”. Classifica Mário de Andrade como um portador de múltiplas facetas que conseguiu, em sua obra, corresponder a essa “necessidade interior de expressão”.

Essa variedade presente em Mário de Andrade fez com que ele mudasse constantemente, até mesmo em suas idéias, pois procurava insistentemente a melhor forma de se expressar, de se exprimir, resultado de um desprendimento de si mesmo em favor da própria renovação.

A arte pode resultar da necessidade da ação (concretizada no poema épico, no romance de aventura, entre outros) ou da necessidade

de prazer (no predomínio dos problemas éticos e morais), e assim está explicada, na visão de Prudente de Moraes, neto, a fórmula geral das belas artes desenvolvida por Mário de Andrade.

O ensaísta ainda ressalta a capacidade que Mário possui em diferenciar o belo artístico do belo natural, definição que desde muito tempo provocou grandes equívocos, pois transportava o conceito de extrema beleza apenas aos valores estereotipados da tradição artística e literária.

Para Prudente de Moraes, neto, a arte expressa o que a comunicação por vias normais não conseguiu realizar, distinguindo, portanto, arte e comunicação. Para ele, arte é a manifestação inconsciente de comoções que desejavam fazer-se presentes. A partir do momento que o artista consegue exteriorizá-las, perde-se a seguir o encanto, ocorre o desinteresse. Quando a arte materializa a emoção a sua “missão criadora” acabou, pois concretizada a obra artística, essa passa a ter vida própria e independente.

Além disso, Prudente de Moraes, neto, assinala o valor social do artista, que quanto mais facilita a compreensão de sua arte, mais se torna comum, mais se barateia. É o espectador que deve esforçar-se, empenhar-se para descobrir os enigmas da obra, já que “o maior artista é o que não consegue compreender a si mesmo”.

Prudente defende que o “modernismo é uma soma”, e assim não nega o passado, a tradição clássica, mas privilegia o momento presente, o qual tem acesso ao que já havia sido construído e também às inovações provocadas pelas transformações do mundo moderno.

Para Prudente de Moraes, neto, nada impede que o artista criativo faça sua poética, constitua a sua obra literária, utilizando-se dos recursos que a tradição oferece, como a métrica e a rima (ambos, se usados em momentos diversos, podem causar o estranhamento, por vezes muito significativo na produção literária).

A resistência que alguns autores apresentavam em aceitar essas modificações, (e Prudente cita o poeta parnasiano Alberto de Oliveira), talvez tenha a sua causa na própria função que o estudo literário assumiu no Brasil, considerado, muitas vezes, como mero exercício de redação e de gramática.

Sendo assim, a “desconstrução” sintática e lingüística dos textos literários provoca a desestruturação dos conceitos tradicionais, tornando-se incompreensíveis para quem considera como obra literária, de valor, apenas as frases comportadas e “bem feitas”.

O modernismo assumiu um ritmo mais frenético, resultado do avanço tecnológico, ocorreu a mutação da paisagem campestre para a urbana, proveniente da revolução industrial, a velocidade imposta pelas máquinas exigia um ritmo mais intenso do homem que tinha

dificuldades para se adaptar. Isso fez com que o moderno “suprimisse todo o dispensável”, o que resultará em uma acentuada simultaneidade, que, segundo Prudente, é uma das grandes conquistas do modernismo.

No artigo *Sobre a sinceridade*, Prudente de Moraes, neto, parece resumir, de uma maneira geral, a filosofia e concepções presentes em sua época. Nele o autor discute a questão da liberdade adquirida na modernidade e afirma que isso ocorreu praticamente após a descoberta de algo ainda inexplorado e inexistente até então para o homem: o inconsciente.

Com a sua descoberta originou-se a fragmentação humana em vários “eus” fraccionados, caracterizando uma “imperfeição psicológica”. As anormalidades humanas assinaladas já por Feud, Proust e Pirandello tornavam-se reais. Por isso a literatura é “anárquica”, pois não consegue estabelecer uma ordem, uma constituição abstrata da própria personalidade humana.

A luta com os desejos e instintos presentes no inconsciente se debate na razão, presente no consciente da mente humana, essa luta pode reprimir os sentimentos, anulando-os temporariamente, e esses podem se libertar e se expressar por meio da arte, porque, segundo Prudente, “a arte é função individual”, é “confissão”, que deve ser

descoberta, analisada, estudada e interpretada pelo crítico, já que ao artista é destinada a criação.

Para o ensaísta, com a arte ainda é possível um maior conhecimento do eu, diverso daquele conhecimento exterior preso “às leis de causa e efeito”, ou seja, evidencia-se o irracional, a consciência que o homem adquire de sua própria inconsciência. Percebe-se aqui a influência do surrealismo, do além do real, das descobertas científicas de Freud, pois é no inconsciente que se encontra o desconhecido, aquilo que está submerso, escondido, “inexpresso”, e é na arte que a sua materialização pode alcançar a tão almejada liberdade.

Assim como o inconsciente era desconhecido pelo próprio homem, essa idéia de caráter psicológico, pode ser transposta para o campo sociológico do Brasil, que se apresentava como um país sem muitos contornos definidos, não havia um conhecimento profundo e sistemático de suas origens, de seu passado, e isso pode ter estimulado a postura dos autores modernos em buscar uma literatura propriamente brasileira. Transpõe-se, assim, do particular (desconhecimento do inconsciente) para o geral (desconhecimento das origens propriamente brasileiras).

Conclui-se, portanto, que *Estética* apresentou propostas mais intrínsecas e reflexivas sobre o momento modernista, não se prendeu

às simples aparências dos ideais modernos, avançou a sua análise para outros setores, não se restringindo apenas ao campo literário.

As cartas enviadas por Joaquim Inojosa ao Prudente de Moraes, neto, estão datadas em 1924 e 1925, período em que circulou a revista *Estética*. Em uma dessas missivas Inojosa narra o início da amizade nascida entre eles:

*Tua carta constituiu, para mim, a deliciosa revelação de uma amizade nova, e honrosa. Estás desde já incluído, entre os que mais estimo.*

*Recebi os 11 exemplares da Estética. Magnífica a tua revista! Aqui, os vendi em meia hora. Dei uma notícia no Comércio, que te envio. Deve ter recebido um telegrama, de minha parte, pedindo mais dez exemplares. Quando sair o 2º número envia-me uns 30. O que não me parece é que não poderás sustentar o preço de 2H000. Barátíssimo (...)<sup>10</sup>*

Joaquim Inojosa em outra missiva escreve ao amigo:

*(...) Recebi os 30 exemplares de Estética. Sei que uns vinte já as livrarias venderam. E, si se não venderem todos, eu ficarei com a “bóia”. Muito grato por tudo que fizer pela A arte Moderna (...)*

*A Estética tem o seu número de leitores. Admiram-na. Admirando-a, tem que admirar-se v., meu caro Prudente. Prudente no nome e em todas as manifestações de inteligência (...).<sup>11</sup>*

<sup>10</sup> Carta datada em 05 dez. 1924, encontrada, em original, no IHGB.

<sup>11</sup> Carta datada em 28 jun. 1925, encontrada no IHGB.

## O NASCIMENTO DE PEDRO DANTAS

Segundo Prudente de Moraes, neto, o nascimento de seu pseudônimo — Pedro Dantas — deu-se em meio a uma confusão de endereços. Alcântara Machado telefonou-lhe para marcar um encontro, na cidade de São Paulo, e o equívoco se deu justamente com o nome da rua.

Prudente entendeu rua Dantas Cruz e, após caminhar muito, já perdido, descobriu que, na verdade, era rua Santa Cruz. Foi a partir desse fato que surgiu a idéia de Pedro Dantas, pois este pseudônimo o desvincularia do “peso” que o seu nome familiar lhe impunha. Pseudônimo, segundo o autor, utilizado pela primeira vez, em 1928, no jornal *A província*, de Recife, dirigido por Gilberto Freyre.

*(...) Pedro Dantas. Ao vê-lo assinando um artigo no jornal A província, dirigido por Gilberto Freyre, em Recife, em 28, acreditei ter me encontrado.<sup>12</sup>*

Mas, ironicamente, em 1941, em pesquisa para a redação de uma palestra sobre seu avô, Prudente de Moraes, descobriu que os Moraes descendiam de dois Dantas, um dos quais se chamava Pedro de Moraes Dantas. Foi assim que o autor descobriu, após a escolha de

---

<sup>12</sup> MELLO, Maria Amélia. Para Prudente de Moraes, neto, a literatura já cumpriu a sua missão. *Suplemento da Tribuna*. 10 e 11 de jun. 1976 (entrevista realizada na ABI, em 20 maio).

seu pseudônimo, que este nome já existira nomeando um dos seus antepassados. “Vim a descobrir que um de meus antepassados, os primeiros a se fixarem em Itu, São Paulo, em 1627, era Pedro de Moraes d’Antas”,<sup>13</sup>

É difícil separarmos o Prudente de Moraes, neto, e o Pedro Dantas, eles estão tão intrinsecamente ligados, que Marques Rebelo os fundiu em um só personagem nos três volumes de seu diário-romanceado, *O espelho partido*<sup>14</sup>. Os diálogos se dão, quase sempre, entre “Pedro Moraes” (fusão de Prudente de Moraes, neto e Pedro Dantas) e o personagem-narrador Eduardo.

Porém, não é somente na obra de Rebelo que a fusão entre as duas “pessoas” se dá de maneira acentuada. O próprio Prudente declarou que, em 1944, época em que trabalhava para o jornal *Folha Carioca*, quando foi fazer a carteirinha de jornalista (pois é somente após essa data que o autor se considera “jornalista profissional”), teve que se empenhar para provar que ele e aquele que assinava suas colunas eram a mesma pessoa:

---

1976)

<sup>13</sup> VERÍSSIMO, Suzana. Setenta anos de história. *Veja*, 22 maio.1974.

<sup>14</sup> REBELO, Marques. O Trapicheiro – Primeiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1959.

\_\_\_\_\_ A mudança – Segundo tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1962.

\_\_\_\_\_ A guerra está em nós – Terceiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1968.

*Pedro Dantas me ajudou a esvaziar o peso de meu sobrenome, que às vezes me atrapalhava. E foi tão usado que, por causa dele, quase não consigo provar que éramos a mesma pessoa, quando precisei tirar registro de jornalista depois de anos de profissão.<sup>15</sup>*

Com relação ao pseudônimo em que acabaram se fundindo e confundindo o cidadão Prudente de Moraes, neto, e o escritor Pedro Dantas, o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu o seguinte artigo, publicado a propósito do aniversário de 70 anos do “Pedro-Morais”.

*Se o Registro Civil merece crédito o cidadão carioca Prudente Moraes, neto, está completando 70 anos. Mas esse cidadão é complexo. Tem duas vidas distintas, a nominal, atestada por aquele registro, e a uma personalidade por ele criada, não chegou ainda a 50 anos e acode pelo nome de Pedro Dantas. Para completar a singularidade, muitas pessoas conhecem Prudente e conhecem Pedro, sem darem conta de que Pedro é Prudente, uma pessoa em duas, sem duplicidade. Pedro emancipa-se de Prudente, Prudente reconhece o estatuto de Pedro, e ambos se completam, pois na realidade nunca se separaram. Fundem-se numa só organização moral, que se distribui entre duas figuras, a cada uma incumbindo determinados deveres, pois não faz disto um jogo de despistamento, mas sutil diferenciação entre obrigações civis e obrigações intelectuais, concordantes e específicas.*

*O também carioca Eddy Dias da Cruz começou a assinar seus contos com o pseudônimo de Marques Rebelo e como tal ficou conhecido para o resto da vida. Prudente de Moraes, neto, depois de longuíssima vida jornalística e literária sob a firma de Pedro Dantas, será sempre chamado pelo nome de*

---

<sup>15</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Prudente: um em dois. s.l. 23 maio. 1974.

*nascimento, a comprovar que sua opção de separar o homem escritor do homem social implica sutil discriminação de funções. Dir-se-ia que Prudente operou em si mesmo o distanciamento artístico recomendado em teatro, para assegurar maior objetividade à criação intelectual. E maior liberdade, também. Alcançou assim um estado de pureza crítica, de visão desinteressada e ampla, que distinguiria um homem sem nascimento, sem história, sem compromissos, colocado diante da vida para analisá-la e senti-la à luz de sua independência e de seu coração.*

*O resultado obtido daí está no consenso de opinião em torno do xifópago Pedro-Prudente. Não podendo significar ao segundo a grata admiração que lhe devotam, pois Dantas só existe na medida em que se manifesta no papel, os amigos recorrem à presença física de Moraes para saudá-lo, reverentes, em dia de aniversário. A circunstância dos 70 anos, de resto, importa pouco. Prudente não realiza a imagem de senectude que se costuma ligar a esse marco convencional de tempo. Como também nunca se percebeu, nele a preocupação da mocidade ostensiva. Os que melhor o conhecem sabem que ele realizou sempre o extraordinário equilíbrio entre paixão e razão, que torna os indivíduos, imunes à lei do declínio. Sujeito de extrema lucidez, habituado a aplicar ao julgamento dos fatos poderosa máquina de compreender, é também, simultaneamente, e não por paradoxo, o autor bissexto de A Cachorra, A voz, Noturno da água pesada, Sinal do Céu: poemas em que a lancinante verdade do ser contingente possuído dos demônios ganha limpidez de confissão pacificadora: luz no caos.*

*Ostensivo: eis o que nunca este intelectual excepcionalmente equipado para ocupar o primeiro plano, quis ser, sem embargo das vezes em que se procurou chamá-lo à ação direta. Discrição a toda prova identifica-lhe o ser social. Consultor de grande autoridade no terreno das letras, prefere ser leitor a ser autor. Que instrumentos de pressão e coação serão necessários para forçá-lo a reunir em livro o melhor de seus versos, ensaios de Estética e de política, memórias e contos? Quem chegou aos 70 resistindo à conspiração de amigos e à delirante demonstração de uso geral, não será fácil de dobrar. Mas aqui fica o apelo: É necessário que Pedro Dantas não continue*

*apenas um nome de jornal e de antologia de poetas supostamente bissextos, para tornar-se o clássico moderno, digno de ser conferido e proclamado no futuro sem precisão de pesquisas arqueológicas em hemerotecas.*

*Se teima em recusar, o remédio é desapropriação, não oficial, mas espontânea e a cargo da classe literária, das riquezas de pensamento e lirismo de Pedro Dantas. Desaproprie-se e edite-se. Ele não pode reclamar, pois nem é pessoa física. E que Prudente não lhe tome as dores: não foi ele mesmo que quis separar o cidadão do escritor?<sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Prudente: um em dois. s.l. 23 maio. 1974.

## COLABORAÇÕES DE PRUDENTE NA IMPRENSA

Prudente de Moraes, neto, disse ter iniciado sua vida jornalística por acaso, colaborou e chefiou vários órgãos da imprensa carioca, exerceu a função de redator chefe do *Diário de notícias*, e durante dez anos foi diretor da sucursal do jornal *O Estado de São Paulo* no Rio de Janeiro.

Na década de 20, a produção de ensaios do autor se destinou a vários periódicos. Primeiramente, em 1924, juntamente com Sérgio Buarque de Hollanda, fundou a revista *Estética*, que circulou de 1924 a 1925.

Em 1925, Oswaldo Costa, diretor da sucursal de *A manhã*, escreveu uma carta com recomendações, segundo o autor, exageradas, sobre sua pessoa à Mário Rodrigues, dono do jornal. O encontro se deu na madrugada da redação de *A manhã*, e diante do “filho do deputado” o conselho de Mário foi para que este não trabalhasse em redações de jornais, isso porque, segundo Prudente, Mário o achou grã-fino demais para o trabalho e foi assim que ele começou por cima na imprensa, assinando artigos nas páginas de colaboradores.

A sua atividade com relação à crítica literária não se restringiu à revista *Estética*, em 1928 escreveu um artigo para a

*Revista de Antropofagia*, de 1931 a 1932 escreveu crítica de poesia para a revista *A Ordem*.

Na revista *Terra Roxa e outras terras*, de 1926, publicou o seu primeiro conto — *Maria da Glória*, e a entrevista com Alberto Oliveira a qual abordava alguns preceitos parnasianos e modernos.

No ano de 1927, estreou a crítica de cinema, escrevendo um artigo sobre o filme *Bem-Hur* que nunca foi publicado, no *O Jornal*, de Assis Chateaubriand. Também escreveu para o jornal *A Província*, de Recife, dirigido por Gilberto Freyre, no qual adotou, pela primeira vez, o pseudônimo que o acompanharia por toda a vida — Pedro Dantas.

Na primeira fase da *Revista do Brasil* (1926-1927), foram publicados nove artigos sobre autores como: Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Oswaldo Orico, Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Desembargador Benedito de Barros e Vasconcellos, Francisco Karam, Cristovam de Camargo e Vieira Pires.

Em 1928-1929 há um único artigo publicado na *Revista de Antropofagia* sobre Plínio Salgado, intitulado *Os amigos do alheio* — texto que também foi editado na *Revista do Brasil*, sem título, ambos se referindo a obra *O Estrangeiro*.

Na revista *Verde*, de Cataguases, também apenas um texto foi publicado — *Aventura*, criação surrealista, que provocou alguns

desentendimentos entre o autor e Mário de Andrade, devido às diferentes concepções que ambos autores tinham a respeito da literatura: escrita automática e escrita trabalhada.

Na década de 30, a produção de Prudente se fez para a *Revista Nova* (1931-1932), periódico em que manteve uma coluna intitulada *Crônica Perspectivas*. Escreveu, ao todo, seis artigos, os quais eram sobre os seguintes autores: Otávio de Faria, Tristão de Athayde, Henri Bataille, Hermann Closson, Ronald de Carvalho, Gérin-Richard. Nessa mesma revista o autor também publicou o seu conto *Bazar Colosso*.

Ainda nesse mesmo período foi a revista *A Ordem* que recebeu a colaboração do autor, mantendo nesta a crítica de poesia. Os autores abordados foram: Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Mário de Andrade, Alfonso Reyes, Marques Rebelo, Otávio de Faria, Emílio Moura, Mário Peixoto, José Geraldo Vieira, Ribeiro Couto, Mateus de Albuquerque e Jorge Amado.

Em 1939, Pedro Dantas publicou o seu mais longo ensaio, *O Romance brasileiro*, texto em que autor desenvolveu, de maneira concisa, o estudo da literatura brasileira desde a época colonial até às correntes regionalista e introspectiva iniciadas na década de 30.

Vale lembrar que o autor chegou a formular uma obra inacabada chamada *Convite à Filosofia*, esta seria composta por três volumes e trataria, de uma maneira geral, dos estudos da arte brasileira. Não se restringiria apenas à arte literária, mas se estenderia à toda produção artística realizada no Brasil. Prudente ainda informou, em uma de suas entrevistas, que o estilo utilizado para a elaboração do livro seria de palestras, de ensaios, optando por uma linguagem mais acessível, já que pretendia uma aproximação maior com o público leitor.

Na década de 40, o autor colaborou no jornal *Folha Carioca* (1944), escrevendo crônicas sobre turfe, em 1945 foi para o *Diário Carioca* onde manteve uma coluna de crônica parlamentar. Na década de 50, há alguns artigos publicados no *Jornal de Letras* e na *Tribuna da Imprensa* (crônica judiciária).

A partir de 1964, quase que diariamente, Prudente de Moraes, neto, colaborou para o jornal *O Estado de São Paulo*. Escrevendo inicialmente artigos sobre política, o que se estendeu até 1969. A partir desta data, é a MPB, a literatura, o teatro, enfim, a arte em geral, que ganha espaço na sua produção, o que se estendeu até o ano de sua morte, ou seja, 1977.

Paralelamente à colaboração realizada no jornal *O Estado de São Paulo*, na década de 70, Prudente também escreveu para o *Jornal*

*do Brasil* ensaios não somente sobre crítica literária, mas também sobre sociologia, filosofia e política.

Sendo assim, sempre houve de sua parte uma intensa participação não só na vida intelectual do Brasil, mas também uma atuação constante na vida política, auxiliada pela ligação com os veículos de comunicação. Tendo presidido a ABI (Associação Brasileira de Imprensa) de 1975 a 1977, período em que o Brasil sofria as conseqüências do regime ditatorial, Prudente manteve uma posição marcante defendendo a liberdade de atuação dos jornais e dos veículos de informação.

Além dos dados expostos anteriormente, Prudente de Moraes, neto, ainda colaborou nos seguintes jornais: *Jornal do Brasil* e na seção *Livros* desse mesmo jornal (década de 70), *Folha da Tarde*, *Suplemento literário de Minas Gerais*, *Jornal do Comércio* (década de 60), *Suplemento Literário* do jornal *A Manhã* (década de 40), *Tribuna da Imprensa* (onde escreveu crônica judiciária), *O Globo* (escrevendo sobre turfe), *Diretrizes* (crônica política).

Da imprensa à política foi um salto. Vivendo em meio essencialmente político, desde muito cedo Prudente manifestou preocupações políticas, definindo o ano de 1937 como o marco de sua participação efetiva na vida pública, pois foi neste ano que se

intensificou a participação de intelectuais para a derrubada do Estado Novo.

Embora sua preocupação com a política tenha se dado muito antes. Já em 1917, no Colégio Pedro II, Prudente chegou a frequentar um curso particular, oferecido pelo professor José Oiticica, aos domingos, espaço em que se discutia e se expunha o programa do anarquismo. Foi a partir de então que ocorreu sua adesão ao anarquismo, indo contra os preceitos políticos de sua família, que era essencialmente republicana.

A decepção com a ideologia anarquista aconteceu quando Prudente descobriu que esta atuava apenas no plano social, mas não admitia as inovações modernas no plano estético e literário.

Com a revolução russa, em 1917, ocorreu uma grande mudança no panorama político. Houve o deslocamento do anarquismo ao comunismo. Prudente também tentou operar essa transferência, mas segundo ele, isso não foi possível devido à rigidez do partido comunista, que implicava mesmo na renúncia à liberdade individual, o que ia contra os ideais do autor, que almejava a liberdade de expressão e de pensamento, postura que exerceu com afinco quando, na década de 70, foi nomeado presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

Como consequência da derrocada do anarquismo, Prudente voltou às tradições políticas de sua família, abraçando os preceitos do

Partido Republicano originados após a Revolução Francesa, (Liberdade, Igualdade e Fraternidade). Com esses ideais, o autor acreditava que até não se pudesse alcançar uma modificação da organização da sociedade como um todo, mas, pelo menos, poderia atender a algumas reivindicações políticas e sociais.

## UM ESCRITOR QUASE SEM LIVROS

Não há como apreender, de forma linear e rígida, a personalidade de Prudente de Moraes, neto, pois esta era possuidora de uma versatilidade e variedade, que lhe permitia transitar, sem dificuldades, entre o escritor, o jornalista, o poeta, o crítico, o advogado, o político.

Deve-se ressaltar a dificuldade em se recuperar a produção de um autor que insistia em permanecer oculto, apesar de escrever regularmente. Alguns períodos de produção são mais intensos e outros menos. Quanto ao desejo de não se fazer publicar, foi possível colher alguns depoimentos.

Foi possível realizar uma entrevista com o primo e amigo de Prudente de Moraes, neto, Emanuel de Moraes, por meio da qual foi possível conhecer algumas das concepções do criador Prudente de Moraes, neto.

Emanuel de Moraes, advogado, escritor, poeta, crítico, lecionava, no período em que foi realizada a entrevista (novembro de 2000) na Faculdade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Escreveu entre outras obras, *Manuel Bandeira: seleta em prosa e verso*, *Drummond Rima Itabira Mundo* e recentemente realizou um estudo

sobre a obra de Gilberto Mendonça Teles, intitulada *Amor e vida na poesia de Gilberto Mendonça Teles*. Contemporâneo de Prudente de Moraes, neto, dividiu com esse um escritório de advocacia, quando a convivência entre ambos tornou-se mais intensa.

“Prudente gostava mesmo de escrever para o jornal, o livro não lhe agradava. Não queria se prender na elaboração de um livro”. E quando perguntei as razões por que Prudente nunca se empenhara em publicar, reunir os seus ensaios, ele me respondeu:

*Não publicou, e daí? Ele é um dos mais importantes homens que ensinaram sobre literatura, deu aulas de Teoria e Crítica Literárias e a respeito disso não escreveu nada. Ele me ensinou muito sobre literatura. Quando eu lhe mostrava alguma poesia ou outra coisa que havia escrito, e ele não gostava, ele era muito delicado e dizia: ‘Vamos pensar melhor...’ Daí eu já sabia que ele não havia gostado.*

Outra pessoa entrevistada foi o Francisco Antônio de Moraes Dória, primo de segundo grau de Prudente de Moraes, neto. Na época (novembro de 2000) em que foi realizada a entrevista ele lecionava na área de Comunicação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Carinhosamente, Francisco o chamava pelo apelido de Neco. E em meio a nossa conversa me relatou vários fatos, idéias, revelando-me um pouco mais do homem-poeta Prudente de Moraes, neto.

Quanto ao desinteresse de Prudente em reunir, em livro, os seus ensaios, artigos, enfim, em publicar a sua produção, Dória disse:

*Ele achava que não estava acabado, e depois ele achava que não iria nunca fazer, iam ser fragmentos, isso ele comentou: 'Eu quis fazer uma teoria do conhecimento, mas eu vi que o negócio ia crescendo, crescendo, crescendo, iam entrando problemas novos, problemas com que eu não sabia lidar e eu tô vendo que eu só vou deixar fragmentos.'*

*No final da vida ele estava preocupado — a idéia dele inicialmente era fazer uma teoria estética; agora, para fazer uma teoria estética, precisaria fazer uma teoria do conhecimento e os artigos dele para o Estado de São Paulo foram, nesse período, a teoria do conhecimento.*

Contrariamente ao Dória, Emanuel de Moraes, afirma que os artigos que Prudente escreveu para o jornal *Estado de São Paulo* (citados acima) não são os mesmos artigos que compõem a sua *Teoria do conhecimento*. Emanuel diz ter lido o primeiro volume, já datilografado, do conjunto dos três volumes que compunham a obra *Teoria do conhecimento*. Os outros dois volumes não teve tempo de ler porque Pompeu de Sousa, encarregado da publicação dos mesmos, levou a obra para a Universidade do Distrito Federal. Infelizmente,

essa obra, se existe efetivamente, ainda não foi encontrada, e pelo que parece, segundo Emanuel de Moraes, não chegou a ser publicada.

Em uma entrevista intitulada *Prudente e a avaliação da “Semana”*, (infelizmente não foi possível identificar o periódico em que foi publicada), Prudente afirmava possuir um projeto literário: o livro seria “uma espécie de teoria do conhecimento”, teria ainda como forma provisória uma série de palestras. A primeira parte trataria da infância da arte, examinando também as raízes da crise da literatura.

*Tenho ali (e aponta para a sua mesa) vinte capítulos ou palestras — e digo palestras porque esta forma de expressão e de comunicação me pareceu mais simples e mais eficaz, como técnica de chegar ao leitor sem pedir muito dele.<sup>17</sup>*

Em outra entrevista, para o jornal *O Estado de São Paulo*, intitulada *A morte do romance*, ele afirmou:

*(...) está escrito, como dizem os letristas de samba apenas o “monstro”, a primeira forma. São três volumes. Mas é preciso ver se aquilo é realmente um livro e se merece mesmo uma publicação.*

*(...) o título que tinha imaginado era Convite à filosofia, porque a intenção seria convidar a filosofia para o entendimento de várias coisas. Primeiro, para dar uma base ao nosso conhecimento, e depois uma explicação ao desenvolvimento da matéria viva, desde o princípio. Finalmente, para explicar as funções sociais das atividades artísticas e porque os gêneros morrem em função do aparecimento de outros gêneros, de outros modos de atender às necessidades a que eles correspondiam.*

---

<sup>17</sup> Prudente e a avaliação da “Semana”. s.n.t.

Assim como não foi possível localizar esses volumes em forma de livro, Dória afirmou que: “Uma boa parte da obra poética de Prudente deve estar inédita”.

O interesse pela divulgação da obra completa de Prudente de Moraes, neto, também se fazia presente em alguns editores. Temos a seguir uma carta, reproduzida na íntegra, de José Olímpio ao próprio Prudente, solicitando para que o autor se empenhasse em publicar a sua produção literária:

**Rio de Janeiro — 07.04.1976**

*Meu caro Prudentinho,*

*Creio ter chegado a hora, tão retardada! — de você cumprir o que foi conversado e mesmo combinado entre nós quatro — você, eu, Vera e Inah — quando em 1934, 35 ou 36, há portanto, 40 longos anos, de editarmos um livro contendo sua prosa e sua poesia reunidas. Lembra-se? Estávamos jantando agradavelmente com vocês na sua antiga residência na Gávea. Depois dessa conversa, seu Prudente, você até já fez 70 anos. Não deixe, pois, que somente em Honolulu<sup>18</sup> possam tomar conhecimento do escritor Pedro Dantas. Os brasileiros também têm esse direito. Quem, no meu entender, poderá se incumbir do recolhimento do material publicado ao longo desses anos — creio que a partir de 1922 — em revistas e jornais é seu primo Emanuel.<sup>19</sup> Creio que ele vibrará com a idéia. O livro, que seria publicado com o título*

---

<sup>18</sup> José Olímpio se refere a revista *Mele* — uma periódico editado em Honolulu, Havaí, tendo como editor Stefan Baciu e co-editor, Carlos Drummond de Andrade. O caderno de novembro de 1975 homenageia Prudente, com a publicação de algumas de suas poesias, assim como um resumo de sua biografia, além de outras poesias dedicadas a ele por alguns escritores, como: Drummond, Stefan Baciu, Manuel Bandeira, etc.

<sup>19</sup> Aqui José Olímpio se refere a Emanuel de Moraes, primo do autor.

*de Prosa e Poesia Reunidas poderia trazer dois prefácios. Um, do próprio Emanuel. Outro, de Drummond. Ambos vão se orgulhar da tarefa.*

*Acredite, velho e querido amigo, que não haverá nenhum problema de ordem financeira para edição. Fique descansado. Faremos com Herberto Salles uma co-edição com o Instituto Nacional do Livro. E sabemos que eles também se orgulharão de tomar parte nessa boa maçonaria.*

*Prudentinho, converse com sua mulher. Peça a ela, em meu nome, que exija do escritor Pedro Dantas que não continue privando a mocidade universitária brasileira, e a todo o Brasil intelectual, de conhecerem sua obra literária.*

*Aqui fica meu apelo. Meu e nosso, da Casa.*

*Abraço de seu,*

*de sempre*

***José Olímpio***

Por essa carta percebe-se a insistência, por um lado, para que o autor publicasse sua obra, e, por outro, a resistência do mesmo em fazê-la. O problema não era nem mesmo de ordem financeira, já que José Olímpio lhe “abate” esse obstáculo. Mas as razões, talvez, se encontrem no desejo do autor em não “se prender na elaboração de um livro”, como afirmou, em entrevista, seu primo Emanuel de Moraes.

Parece que Prudente de Moraes, neto, “nada” contra a maré não somente com relação à divulgação de seu trabalho enquanto intelectual. Em um artigo intitulado ‘*Prudente de Moraes, neto*’<sup>20</sup>, escrito por Rubem Braga, este relatou que o poeta Augusto Frederico Schmidt certa vez disse:

---

<sup>20</sup> BRAGA, Rubem. Prudente de Moraes, neto. *Última Hora*. 17 maio. 1974

*Quê! Esse moço herdou um grande nome e começou por adotar um pseudônimo. Teve uma grande banca de advocacia, e não advoga mais. Lançou-se como excelente crítico literário e agora escreve sobre turfe. Tinha dinheiro, fez-se pobre. Esse moço está fazendo uma carreira às avessas! Vai acabar auxiliar de revisão!*

Insistentemente Prudente se colocou contra a divulgação de seus trabalhos, talvez como resistência fiel ao que não participava de seus ideais enquanto homem, de seus valores “anti-sociais”, de homem que se reservava do convívio das rodas literárias, dos meios políticos.

Em vez de se posicionar como advogado, ou crítico literário, ou professor, ou ainda, o político, neto do primeiro Presidente da República, preferiu manter-se ora como o boêmio, ora como o poeta bissexto que prestava atenção às coisas da vida, como homem livre que escrevia para jornais, e que no seu entender, era o seu ideal de Homem enquanto tal, sem títulos, sem o peso do seu nome de família. E assim, fez-se, portanto, Pedro Dantas.

## PRUDENTE DE MORAES, NETO, E AMIGOS

Muitos trechos dos textos que se seguem foram retirados da fortuna crítica de Prudente de Moraes, neto, que estava completamente desconhecida até o momento. Deu-se preferência às citações, na tentativa de retratar com mais fidedignidade, o homem Prudente de Moraes, neto, e o personagem-pseudônimo por ele criado, Pedro Dantas, na voz dos amigos.

Para esse resultado, algumas passagens dos textos foram retiradas de correspondências, entrevistas, artigos, muitos dos quais se encontravam no acervo particular destinado ao escritor, situado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, procurou-se apresentar o autor sob várias formas, segundo a visão que cada um de seus amigos expuseram sobre ele. Vale lembrar porém, que o material específico sobre a fortuna crítica do autor não será abordado no momento, já que não é a finalidade do presente estudo.

Assim, esse trabalho tem por objetivo “pincelar” o retrato de Prudente, segundo a visão das pessoas que eram mais próximas a ele, o que pode causar uma certa fragmentariedade à estrutura do texto, já que os depoimentos e informações obtidas sobre o autor são esparsos.

## PRUDENTE DE MORAES, NETO, E MÁRIO DE ANDRADE

Prudente de Moraes, neto, era homem que possuía vários amigos, embora não participasse efetivamente dos meios literários, estabeleceu contatos com autores importantes da literatura brasileira, como: Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ribeiro Couto, Fernando Sabino, Ferreira Gullar, Affonso Arinos de Mello Franco, etc.

Infelizmente não possuímos o conjunto completo de suas correspondências para com os amigos. Georgina Koifman<sup>21</sup> em meio a sua pesquisa sobre o avô de Prudente, o ex-presidente da República, Prudente de Moraes, encontrou um número significativo de cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto, entre os anos de 1924 e 1936 e realizou o trabalho de publicar as mesmas.

As bases da amizade entre Prudente e Mário de Andrade parecem ter sido abaladas após uma crítica realizada por parte de Mário de Andrade ao texto *Aventura* de Prudente, publicado na *Revista Verde*, em novembro de 1927, pois em 1928 há o registro de apenas quatro cartas enviadas a Prudente e um retrato de Mário, sendo que três destas missivas eram apenas bilhetes referentes à distribuição

---

<sup>21</sup> KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*

das obras de Mário de Andrade na cidade do Rio de Janeiro. Georgina escreve: “Parece que Prudente de Moraes, neto, ficara ressentido com a carta de Mário de Andrade”, esta datada em 25 dez. 1927.

Citando as próprias palavras de Mário de Andrade à Prudente:

*(...) Alcântara pra dar exemplo de psicologia ruim contou que você escrevera falando mais ou menos isto: que ele Alcântara ficara irritado com o pedaço surrealista de você na Verde, que eu não ficara irritado porém nunca aceitaria aquilo e outros ensaios possíveis que você faça de surrealismo (...)*

Mário ainda acrescenta à sua carta: “(...) *Aventura* positivamente não acho que tenha nada de admirável (...)”.

O provável desentendimento talvez tenha se dado devido à idéia contrária que ambos autores possuíam sobre o surrealismo, termo utilizado na época (hoje mais conhecido como o surrealismo), já que Mário o classifica como “demasiada pureza de arte”, enquanto Prudente, defendia o movimento, considerando-o “uma importante inovação literária”.

Ainda com relação ao texto *Aventura* de Prudente, Manuel Bandeira diz:

*O que me encantou nele foi o mistério que o*

*poeta soube insuflar numas tantas locuções travialíssimas. Lembro-me desta, por exemplo: “Azul marinho, dirão vocês. Porém nem sempre.”<sup>22</sup>*

Emanuel de Moraes, quanto a ligação de Prudente com o surrealismo, relatou: “Prudente achava que o surrealismo era uma inovação literária, daí sua afeição pelo movimento”.

E nas palavras do próprio Prudente:

*Acredito que seja possível [quanto a anulação total da razão na obra de arte] e o próprio Breton citava entre os companheiros dele alguns que adquiriram uma facilidade enorme e que sentavam à mesa e uma vez chegado àquele estado de alheamento, quase de transe, a escrita seguia e eles compunham textos que o Breton elogiava muito e achava fabulosos. Eu não sei exatamente, mas creio que Robert Desnos era um deles. Já no Aragon, por exemplo, nunca o consciente se ausentou. O Anicet, por exemplo, (é verdade que foi escrito antes do surrealismo), que é um livro esplendido, é uma construção profunda e altamente intelectualizada e racional. Há no absurdo das situações que ele por vezes imagina e representa, no jogo das situações e dos raciocínios, quase que uma matemática.*

*Eu estava fascinado por este domínio novo que o surrealismo vinha abrir. Sentia que havia uma espécie de esgotamento do Modernismo. Uma vez conquistadas as liberdades, uma vez conquistadas a liberdade de expressão, de criação de imagens, etc., havia uma espécie de limitação, uma dificuldade de partir para novos campos e novos rumos. Como os textos surrealistas realmente traziam um tipo de satisfação e de beleza literária, vamos dizer assim, essencialmente diferente e nova e como Breton sugeria que por esse caminho talvez se descobrisse no subconsciente, nas forças inconscientes, a expressão de*

---

<sup>22</sup> s.n.t

*coisas e a descoberta de relações e de uma essência e de uma verdade alheia à análise intelectual, relacional, nós tentamos isto.*<sup>23</sup>

Segundo as palavras do autor, a sua preocupação estava em encontrar novas formas de expressão por meio do estilo novo do surrealismo que (des) construía seqüências lingüísticas às quais estavam formadas as bases das gramáticas tradicionais. As frases saíam desconfiguradas num jogo de inconsciente e, assim, ao que parece, a preocupação não estava na comunicação que a escrita poderia estabelecer, mas na expressão “individual” do escritor.

Ocorreu um lapso de sete anos na correspondência encontrada por Georgina Koifman, do ano de 1929 a 1936. A última e única carta de 1936 foi datada em 21 jul. 1936, e é uma carta resposta, ou seja, isso significa que apesar dos abalos, Prudente e Mário não deixaram de se corresponder, subentende-se, portanto, que haveria ainda outras correspondências a serem descobertas.

Apesar dos contra-tempos (os quais só poderiam ser compreendidos se houvesse o conhecimento do conjunto da correspondência trocada entre ambos), em fevereiro de 1945, ano da morte de Mário de Andrade, Prudente devido a sua tristeza frente ao ocorrido, saiu para beber nos bares onde ele e o amigo falecido,

---

<sup>23</sup> IKEDA, Marilda Balieiro A. *A contribuição para o estudo do modernismo brasileiro.*

costumavam passar horas conversando e, embriagado em meio a sua tristeza, deixou escapar o maior furo de reportagem da história da sua vida.

*(...) Era fevereiro de 1945. Eu estava na redação da Folha Carioca quando soube da morte de Mário de Andrade. Fiquei arrasado. Tomei algumas providências inadiáveis e saí, certo de que só um pileque me faria dormir naquela noite. Andando sem rumo pelas ruas, fui dar num bar onde ia, às vezes, com o Mário. Tomei dois chopos e tornei a sair, já inclinado a reconstruir um roteiro etílico-sentimental. Acabei na Taberna da Glória, nosso ponto de encontro mais freqüente. Decidi que ficaria lá até estar nas condições desejadas (...)*

Em meio às lembranças de Mário de Andrade só foi prestar atenção a um amigo de bar, que estava bêbado — depois de alguns protestos por parte de outros clientes, devido à cantoria desajeitada do embriagado, que parecia ser norte-americano, este cantarolava acordes de música militar, gargalhava, cena que se repetiu diversas vezes.

*Como acabei de dizer, isso se passou em fevereiro de 1945. Seis meses depois, explodiu a bomba atômica. Levei o mesmo choque que todo mundo, mas lendo os jornais, tive a estranha impressão de conhecer alguma coisa do assunto — como, se era segredo absoluto até para o presidente dos Estados Unidos? Imagine minha perplexidade quando a imagem do bêbado da Taberna da Glória me veio à cabeça e, fazendo um esforço de memória, reconstituí o seu*

*monólogo que dizia, aproximadamente, o seguinte: ‘Ah, vocês bombardearam Pearl Harbor mas vocês vão pagar. Tem uma bomba, pequenina, do tamanho de um ovo, cabe no meu bolso, mas quando vai explodir, vai arrasas uma cidade como esta. Não deixa nem mosquito vivo. Contém a energia do sol’.*<sup>24</sup>

Com relação à literatura, os trabalhos de Mário de Andrade, por vezes, eram submetidos aos olhos críticos de Prudente. Mário em carta ao Manuel Bandeira,<sup>25</sup> escreve a respeito da leitura crítica pela qual os textos devem passar antes de serem publicados, por causa das dúvidas de criação, e ainda a respeito desse mesmo assunto, informou que algumas de suas obras eram destinadas à leitura crítica de Prudente, demonstrando confiança no amigo do Rio:

*(...) Aconselho o meu critério: consultar uns três amigos de confiança e gostos bem nítidos (eu consultei você, o Rodrigo e o Prudente — e o Vinícius deu também uns palpites) para não incluir alguma coisa ruim ou não deixar de incluir coisa boa, a respeito das quais a gente autor, por motivos à cotê, fica com o juízo hesitante ou pervertido.*

Ainda com relação à Mário de Andrade, em um artigo editado pela ABI — *Um combatente da liberdade* — há a seguinte afirmação: “Em 1944, um ano antes de morrer, Mário de Andrade afirmava para um grupo de jovens mineiros: ‘As duas pessoas que

<sup>24</sup> ALVIM, Teresa Cesário. O Homem Cordial. *O Estado de São Paulo*, 19 maio.1974

<sup>25</sup> *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: EDUSP; IEB, 2000.

melhor escrevem no Brasil são a Rachel de Queirós e o Prudentinho<sup>26</sup>. Este depoimento de Mário de Andrade demonstra o reconhecimento pela literatura, mesmo que bissexta, de Prudente.

---

<sup>26</sup> Um combatente da liberdade. *Boletim Especial da ABI* – mar. 1978.

## PRUDENTE DE MORAES, NETO, E MANUEL BANDEIRA

*Prudente de Moraes, neto*

*O autêntico poeta, dileto  
 Meu crítico e companheiro,  
 Deu-me a maior prova de afeto  
 De que eu podia ser objeto:  
 Fez-me tio por adoção.*

*Prudente! Prudente e discreto  
 Como o avô, o Santo Varão.  
 Bem grande avô! Bem grande neto,  
 O autêntico!*

*Tomo aqui o tom mais circunspecto  
 E dou a bênção — ou benção.  
 Como seria mais correto —  
 Ao sobrinho do coração,  
 A Prudente de Moraes Neto,  
 O autêntico.*

A relação com o Manuel Bandeira transcendeu da amizade para uma admiração mais profunda, chegando até a uma “invenção” de parentesco. Prudente o tratava de tio e Bandeira aceitava a incumbência do vínculo criado pelas afinidades entre ambos. A descoberta do movimento modernista, como já se disse anteriormente, se deu para Prudente de Moraes, neto, após a leitura de um poema de Manuel Bandeira, intitulado *Santa Maria Egipciaca*.

Assim, é com Manuel Bandeira que Prudente se permitiu embarcar na viagem para os conceitos propagados pela arte moderna,

se aventurar por outros caminhos e não somente aqueles já traçados pelo parnasianismo. Pode-se dizer que durante o período de convivência, Manuel Bandeira também o aconselhava em sua produção de poesia “bissecta”, uma espécie de “conselheiro poético”, título que após a morte do “*Bardo*” (assim chamando o autor de *Estrela da manhã*), Prudente destina a outro grande poeta da literatura brasileira, Carlos Drummond de Andrade, o encargo da crítica de suas poesias.

O poeta de *Libertinagem* definiu o termo bissecto, com as seguintes palavras.

*Poeta bissecto deve, pois, chamar-se aquele cuja a vida o poema acontece como o dia 29 de fevereiro no ano civil (...) Em suma, bissecto é todo o poeta que só entra em estado de graça de raro em raro.*<sup>27</sup>

As discussões sobre a estética das poesias bissectas de Pedro Dantas se faziam presentes sempre que os dois amigos se encontravam. Em um desses encontros, após inúmeras tentativas para alcançar a tão almejada forma poética, sugerida por Bandeira, Prudente em depoimento à Drummond narrou o seguinte fato:

*(...) tinha eu por hábito submeter meus*

---

<sup>27</sup> BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissectos contemporâneos*. Prefácio da 1ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélia Valverde S.A, 1946.

*eventuais pecados de semi-versificação ao nosso grande e amado Manuel. Quase sempre os remetia por um próprio e fazia como sugerido por certo poeta católico, que não sei se você conheceu — Dr. Plácido de Mello (...) Algumas vezes, poucas, submeti-me à prova de corpo presente. Recordo-me de certa tarde sem luz, no meu escritório, quando o Bardo me surpreendeu em flagrante. Irrompeu sala à dentro no preciso instante em que eu perguntava aos deuses se cabia prosseguir, para melhor arremate, ou se já não estava tudo ali. Ninguém melhor para dizê-lo do que o querido recém-chegado.*

— ‘Deixe ver’, disse ele, empurrando para a testa os óculos de rua.

*Eu estava bastante apreensivo. Durante a leitura, duas ou três vezes, deu aquela risadinha sacudida pra cima, que não me lembro quem, uma vez, disse que era de peru. Ao terminar, riu mais uma vez e me insuflou a vaidade.*

— ‘Está esplêndido! Acho que é a melhor coisa que você já fez. É tão bom que vale a pena torná-lo inteiramente regular, acertando o que você deixou à vontade, como saiu. Olhe: você tem que rimar aqui, mudar esta rima daqui para ali, modificar este ritmo, etc, etc’.

*Deu-me uns cinco ou seis problemas a resolver. Mas seu entusiasmo era tanto que valia a pena o sacrifício.*

*Na base das indicações de Manuel, levei uns 15 dias trabalhando o danado do poema, para corrigir os defeitos apontados. Eliminei-os todos, satisfazendo todas as exigências, uma por uma. Tudo terminado, telefonei para dizer que estava pronto o serviço.*

— ‘Passo aí de tarde, pra ver’.

*Esperei-o, confesso que alvoroçado. Ele chegou, leu, devolveu-me o papel.*

— ‘Então, resolvi tudo como você queria?’

— ‘Resolveu. Mas, quer saber de uma coisa? Não é o que eu pensava, não.’

— ‘Bandido! Depois de 15 dias do quebra-cabeça que você me deu!...

*Bem, acontece que ele estava certo, em sua 2ª opinião. Por essas e outras eu preferia mandar-lhe*

*levar minhas bobagens, para poupar-me ao possível  
engano da primeira*<sup>28</sup>.

E ainda com relação à produção poética de Pedro Dantas, Francisco de Moraes Dória, primo de Prudente, lembrou-se de um diálogo entre Manuel Bandeira e Prudente (quanto à metrificação da poesia):

*Bandeira lhe perguntou:  
— Você conta nos dedos?  
E Prudente:  
— Contar nos dedos? Quê contar nos dedos!  
Sai certo.*

Sobre a poesia *A Cachorra* Dória afirmou: “foi inspiração, no final é que ele deu uma ajeitada”.

A respeito dessa “liberdade” com que Prudente fazia seus poemas, admitindo que a poesia lhe acontecia, vez ou outra, e que não se dedicava a um estudo esmero da mesma (o que vem a confirmar, mais uma vez, a sua admiração pelo surrealismo, pela escrita automática, sem a intervenção do consciente). No depoimento seguinte Pedro Dantas expôs a sua concepção como poeta e como crítico literário:

---

<sup>28</sup> Correspondência de Prudente de Moraes, neto a Carlos Drummond de Andrade. Carta datada em 03 abr.1969, encontrada na FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa).

*Bem, como poeta sempre fui bissexto e não sou propriamente um poeta que trabalha, que faz o verso, faz o poema com certa consciência e tal, mas antes de serem que, vez por outra, a poesia acontece e exige expressão. Quanto ao crítico, sou um sujeito atento às coisas e à vida de um modo geral. Não tenho, como muitos, preconceitos pelo que leio, mas procuro entender exatamente o que o autor quis dizer.<sup>29</sup>*

Sobre o valor destinado ao escritor Prudente de Moraes, neto, Bandeira ainda disse:

*Prudente faz jornalismo do melhor, do mais sereno, do mais alto, mais isso é tarefa que muitos outros poderão desempenhar, outros que nasceram exclusivamente para jornalistas. Prudente, porém, é dos poucos, entre nós, que trouxeram do berço o dom de sentir, e ao mesmo tempo analisar, a poesia, e bastaram alguns pequenos ensaios da adolescência nesse domínio para nos dar a certeza de que iríamos ter, enfim, o nosso primeiro grande crítico de poesia. O jornalismo de Prudente é de primeira ordem, sem elva de sensacionalismo, sólido e repousante.<sup>30</sup>*

Recentemente foi publicado um livro intitulado *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*<sup>31</sup>, pela EDUSP e IEB, no qual foi possível descobrir algumas referências ao

---

<sup>29</sup> MELO, Maria Amélia. A literatura está sendo substituída por outras formas de expressão. *Caderno de sábado*. s.l, 11 fev. 1978.

Obs. Essa entrevista também foi publicada no jornal *Suplemento da Tribuna*, sob o título: *Para Prudente de Moraes, neto a literatura já cumpriu sua missão*, em 10 e 11 de jun. 1976.

<sup>30</sup> MELO, Maria Amélia. A literatura está sendo substituída por outras formas de expressão. *Caderno de sábado*. s.l, 11 fev. 1978

<sup>31</sup> *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização e notas de Marcos

autor de *A Cachorra*. Uma informação que se repete é que Manuel Bandeira praticava a leitura na casa do “Prudentinho”, ou “Prudentico”, formas com que Prudente era, em geral, tratado pelos amigos.

*(...) Estive em casa do Prudentico para ler os ‘Versos brancos’. Entrei, instalei-me numa poltrona **maple** e comecei a leitura. No gabinete estava um rapaz de óculos procurando num dicionário a significação da palavra sibarita. Uma moça dissera pelo telefone que ele era sibarita. Mas ela tinha querido dizer excêntrico. O rapaz verificou que tinha razão e saiu do gabinete. Eu continuei a leitura. Daí a pouco o rapaz apareceu na porta e disse. Sibarita é ela! O Prudentinho deu uma daquelas gargalhadas, o rapaz foi embora e eu acabei a leitura (...)*

*(...) Há uma gota de sangue em cada poema. Reli-o há dias na casa do Prudente (...)*

E o juízo crítico que Bandeira proferiu sobre o estilo poético de Pedro Dantas:

*(...) Prudentico é poeta de fato mas quase não faz nada. Terá receio de não fazer coisa genuína e se cala à espera de poder fazê-la? Li dele duas coisas muito boas, uma perdida num livro que ele me entregou, e outra, muito recente, a propósito da execução de Sacco e Vanzetti (‘Poema seguido de explosão’)*

E ainda:

*É um poeta — vendo logo que é um poeta excelente — mas é ao mesmo tempo esta coisa mais rara — um espírito crítico. Precisamente o que constitui o singular encanto de tudo o que ele escreve é esse constante equilíbrio entre a inteligência e a sensibilidade. Sente-se atrás do escritor um homem com saúde e caráter.<sup>32</sup>*

A propósito de Sacco e Vanzetti esta referência foi encontrada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em meio aos manuscritos do autor, em uma poesia inédita sob o título de *Poema seguido de explosão*.

Além disso, a informação de que Bandeira lera uma poesia “perdida em um livro” que Prudente lhe entregou, nos permite inferir de que há descobertas ainda por se fazer sobre a obra poética do autor. Por meio deste trecho, também é possível conhecer, em poucas linhas, o valor poético destinado por Bandeira ao Pedro Dantas, assim como o pensamento analítico do autor de *Cinza das horas*, que incita a dúvida do porquê Prudente não escrevia com mais frequência, ou não dava conhecimento, de fato, de sua produção.

Assim como Bandeira, Prudente também proferiu os seus pensamentos que beiraram a crítica e a admiração sobre a poesia do *Bardo*.

---

<sup>32</sup> O sonho de França Júnior. *Crônicas da província do Brasil*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1958. 2v.

*A primeira vez que eu vi Teresa, digo que eu vi uma coisa sua foi na crônica do João Ribeiro sobre o Carnaval. Ele transcreveu na íntegra os seus "Sapos" (...). Fiquei indignado com os sapos. Achei que aquilo era a negação da poesia e... e... em poucos dias sabia o poema inteiro de cor. (...). Um dia encontrei numa revista aquele milagre de Santa Maria Egípcíaca, em versos libérrimos. Dei pulos de raiva. Vá ser poeta no diabo que o carregue. Aquilo não era coisíssima nenhuma. E Santa Maria Egípcíaca nunca mais saiu da minha memória. Não decorei os versos, mas guardei uma imagem visual do milagre, irritante e inapagável. (...) foi mais ou menos como se, cansado de me irritar com a obsessão daquelas duas poesias, eu resolvesse gostar delas, para ficar em paz. E comecei então a descobrir coisas novas em cada verso, em cada ritmo, em cada palavra. Consegui com dificuldade e já não sei por que meios, um exemplar do Carnaval, que li num deslumbramento. Dai por diante minha atitude tem sido a mesma: a de ficar besta diante de você. (...) Tudo isso me volta à memória agora, diante destes novos poemas. E por tudo isso, meu velho, compreendi desde logo que em lugar de exame imparcial e severo que você me pede, eu só seria capaz de fazer à sua poesia uma declaração de amor<sup>33</sup>.*

Ainda com relação à literatura e os novos rumos que o modernismo começava a traçar, em uma entrevista para o jornal *O Globo*, em 1974, Prudente discorreu sobre sua formação inicial e a revisão dos valores que se propôs realizar, para que se efetivasse a sua participação no movimento moderno:

*Durante muito tempo considerei a literatura como a única solução. Depois mudei muito, mas dediquei-me a ela com grande interesse e, depois de ler os franceses, os ingleses e os alemães, e de descobrir os*

---

<sup>33</sup> Missiva encontrada na Fundação Casa de Rui Barbosa, no acervo de Manuel Bandeira.

*clássicos portugueses e brasileiros, desemboquei no modernismo e numa revisão de valores.*<sup>34</sup>

Bandeira lamentou o rumo que Prudente seguiu, deixando “de lado” a literatura, embora nunca deixasse de escrever ensaios e artigos para os jornais:

*(...) A dor de ver continuar perder-se em tarimbo de imprensa um homem que me parece nascido para outra coisa: nascido para poeta, crítico e professor.*<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> A nossa história escrita à mão. *O Globo*, 23 maio.1974.

<sup>35</sup> GARCEZ, J.A. Fragmentos de memória. *Jornal da Cidade*. Aracaju (SE), 29 maio. 1974.

PRUDENTE DE MORAES, NETO, E CARLOS DRUMMOND DE  
ANDRADE

*Pedro Dantas*

*A poesia habita,  
Secretíssima, a casa de sua vida.  
Sobe apenas ao mirante, de longe em longe.  
Que sol!*

Foi Carlos Drummond de Andrade que recuperou, em uma de suas cartas a Pedro Dantas, o conto de autoria deste último, *Bazar Colosso*, publicado pela *Revista Nova*, na década de 30. A correspondência foi datada em 30 dez. 1936.

*Estávamos relendo uma noite dessas, eu e minha mulher, o teu Bazar Colosso. Malgrado os traços caricatura e pitoresco (O conto foi publicado em 1931, explicável), que obra humana e de dolorosa compreensão de valores reais da vida! O teu português me causou uma baita emoção, palavra. A parte em que você descreve o sofrimento do homem é admirável.*

E a resposta de Prudente:

*(...) Sou particularmente sensível, Carlos, às manifestações de interesse humano pelo meu Bazar Colosso (...) O Bazar é de 1929. Que você o tenha relido agora e ele lhe tenha falado, representa para mim uma garantia, uma tranqüilidade a respeito dele.*

*Especialmente porque você me fala em ‘compreensão dos valores reais da vida’ — e não apenas no que é secundário (...)*

E a amizade entre os dois autores não parou por aí. Ainda na década de 30 foi Drummond que conseguiu um emprego público para Prudente, na extinta casa de censura, mais propriamente, a censura cinematográfica. Mas Prudente de Moraes, neto, com sua personalidade “liberal”, não se adaptou ao serviço, e apesar das dificuldades financeiras, pediu demissão um ano depois, alegando não ser mais possível sua atuação, e foi assim que se deu a sua passagem pela Censura.

*Eu andava meio atrapalhado da vida, e um fraternal amigo, Rodrigo Mello Franco de Andrade, sabendo disso, falou com Carlos Drummond, que falou com o Capanema, que acabou com a minha universidade, mas gosta muito de mim e eu dele, e me ofereceram um lugar como representante do Ministério na comissão de censura do cinema. Eu disse que não, eu gostava de cinema e não de censura. Mas Drummond insistiu, que era por isso mesmo que eu devia ir, etc. A comissão era ligada ao Ministério da Justiça, logo se transformou em DIP. Lá fui eu. O serviço na época era itinerante, se reunia nas cabinas da Metro, Fox, Paramount, todo dia de manhã tínhamos filme que ver na companhia de um representante da polícia, de Raimundo de Magalhães Júnior e duas senhoras, uma delas dona Engracadinha Penha — foi ela que investiu contra o filme do meu dia de estréia, história de um milionário que trocava de lugar com seu motorista para encontrar uma mulher sincera e acabava encontrando uma milionária que trabalhava como balconista pela mesma razão. Veio a papeleta para eu votar e botei: “Livre”. E dona Engracadinha não gostou: “Pois eu considero muito*

*inconveniente, deviam cortar 20 metros daquele beijo, que está muito longo”. “Ora, dona Engraçadinha” eu respondi “deixe o beijo que até é educativo”. E ela perguntou se eu não tinha reparado no fundo social. “Um homem de família que se apaixona por uma empregadinha, uma milionária que se apaixona por um motorista”. Eu saí dali no maior abatimento, atravesssei a rua e fui pedir demissão.*

Mas Prudente não largou no primeiro dia, permaneceu mais um ano devido à insistência de Drummond para que continuasse ocupando o cargo. Sua assinatura tornou-se conhecida no Brasil, como ele mesmo afirmou, por meio dos certificados de liberação de filmes. Após sua saída foi indicado para o cargo Vinícius de Moraes.

Algumas correspondências trocadas entre Drummond e Prudente foram encontradas no acervo de Prudente na FCRB e no IHGB. Os assuntos vão desde dúvidas e reflexões sobre o ensino no Brasil até a crítica literária descompromissada. Infelizmente, são cartas esparsas, mas que ajudaram a compor, mesmo com lacunas e falhas, a amizade entre os dois escritores.

A propósito da morte do amigo, Carlos Drummond de Andrade relatou a sua admiração e respeito pelo autor de *A Cachorra*:

*Falar bem dos que morrem é um costume caridoso, mesmo que não mereçam. Mas falar bem do Prudente é um ato de justiça. Prudente foi um dos brasileiros que melhor exerceram a arte de pensar com equilíbrio, lucidez e grande coragem intelectual.*

*Pessoalmente, era um homem encantador que tanto se comprazia com a música e a convivência com Pixinguinha, como se dedicava a experimentações filosóficas de alto nível. Era um poeta da maior importância que não fazia a menor questão de aparecer. Conheci Prudente na década de 20 e a sorte de ter sido seu amigo é uma das riquezas que carrego para a vida inteira.<sup>36</sup>*

E Emanuel de Moraes comentando sobre as amizades de Prudente: “Muito amigo do Drummond, Pedro Nava, amicíssimo do Bandeira e muito querido por todos”.

---

<sup>36</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. *Boletim especial da ABI*, mar. 1978.

PRUDENTE DE MORAES, NETO, E AFFONSO ARINOS DE  
MELLO FRANCO

A amizade entre os pais de Affonso Arinos de Mello Franco e Prudente de Moraes, neto, permitiu que os dois autores se conhecessem antes mesmo dos 11 anos.

A convivência também se fez no Colégio Pedro II, (embora Prudente estudasse no Externato e Affonso no Internato) conseguiam fazer excursões pelos cinemas da rua Barão do Rio Branco, da Rua da Carioca, além dos passeios “vagueantes” de bonde pelas ruas de Botafogo.

Nessa época Prudente morava na rua Barão de Itambi, próximo à casa de Olavo Bilac, figura misteriosa que os meninos insistiam em tentar decifrar, embora sem muito sucesso, pois não conseguiam surpreender, através da janela da casa de Prudente, o poeta parnasiano em qualquer intimidade “doméstica”.

A iniciação na Literatura Universal de Prudente de Moraes, neto, ora é atribuída à pessoa de Affonso Arinos de Mello Franco, ora é este último que destina à Prudente a responsabilidade de seu crescimento intelectual.

Assim, há o seguinte relato de Prudente:

*A família de Afonso Arinos era muito ligada à minha. Freqüentava a sua casa e fui tomado da natural admiração que Afonso desperta em qualquer pessoa que se aproxima dele. Ele tinha uma formação literária bastante diferente da minha, que era principalmente clássica portuguesa, enquanto a dele era mais francesa, mais internacional. Estava bem mais avançado do que eu em matéria de literatura, de estética. E eu, formado na literatura clássica portuguesa, estava preso, ainda, aos ideais da formulação, digamos, naturalista, do parnasianismo. Esse era o meu ideal, embora não tivesse motivos para esperar a realização de uma obra própria em literatura. O que me agradava em literatura era o parnasianismo, era o naturalismo. O poeta da minha admiração, o poeta da minha especial devoção, nesse tempo, era o Bilac.<sup>37</sup>*

Nesse depoimento, Prudente ressaltou, mais uma vez, a sua concepção e gostos literários antes da descoberta e aceitação dos preceitos modernos, ou seja, sua formação se baseava na literatura clássica portuguesa. Com relação à amizade entre Affonso Arinos de Mello Franco e Prudente de Moraes, neto, seguem alguns trechos do texto retirado da fortuna crítica do autor, coletado nesse trabalho. Assim, optou-se pelas citações, pois procurou-se manter a “voz” e originalidade de Affonso Arinos.

*(...) Prudente estava interessado em romances policiais e sonhava fazer qualquer coisa brasileira que despertasse o interesse dos romances que então líamos. Ele me emprestou a primeira edição de Sherlock Holmes, de Conan Doyle, em vários volumes, numa tradução francesa.*

---

<sup>37</sup> A morte do romance. *O Estado de São Paulo*, 25 dez.1977.

*Prudente diz na entrevista que deu ao Estado de São Paulo que eu o tinha iniciado na visão da literatura moderna. Ao contrário, ele é que me abriu as portas da literatura moderna (...).*

A intenção do pai de Prudente, o deputado Prudente de Moraes, filho, por volta de 1920/1921 era de que seu filho fosse para São Paulo fazer carreira política no Partido Republicano, o que o tornaria, devido ao seu nome de família tradicional-político, uma das grandes figuras da política brasileira, mas o neto do primeiro presidente republicano do Brasil preferiu se ausentar, permanecendo no Rio de Janeiro, orgulhando-se da sua condição de carioca.

*(...) faltou a São Paulo um homem que representasse aquela tradição republicana de São Paulo. Prudente teria sido esse homem, mas, preso aos encantos do Rio e à graça da cidade que amava, não conseguiu seu desuno, seu destino pessoal, seu destino literário, seu destino político, mas nos impregnou a todos nós seus companheiros da sua presença. É um destino ausente mas uma presença constante. Sua personalidade está dentro de nós, nos acompanha e até certo ponto, a mim pelo menos, me guia. Ela me dirige.<sup>38</sup>*

Com relação a época da revista *Estética* (1924), Affonso relatou:

*(...) Essa época foi extremamente fecunda porque Prudente despontava para aquela sua missão de liderança recôndita, de liderança não declarada, porém reconhecida. Ele era, de certa forma, o nosso*

---

<sup>38</sup> ARINOS, Afonso. Retrato íntimo de Prudente. *Boletim Especial da ABI* – mar. 1978.

*chefe, embora escrevesse muito pouco e não pretendesse dominar nas conversações que se desenrolavam no Café Simpatia e num outro que existia na esquina de Assembléia com avenida Rio Branco, o Café Suíço.*

Os dados e informações da vida particular de Prudente de Moraes, neto, são escassos. Em algumas missivas há a informação de suas dificuldades financeiras, mas não há referências de fatos, de acontecimentos específicos sobre sua vida e sua pessoa. O trecho que se segue, porém, tenta pincelar algumas das faces da vida particular do autor.

*(...) Depois nós evoluímos, fomos companheiros a vida inteira. Prudente foi assaltado, em certa fase, pelo infortúnio. Enfrentou situações particulares extremamente dramáticas das quais participei como acompanhante involuntário e como confidente constante. Esses sofrimentos da vida de Prudente ele os soube superar e transformar em uma das mais belas poesias da Língua Portuguesa. Ele fez essa amargura do coração, esse desencanto do sentimento, essa expressão da alma se transformar e florir naquela estupenda Poesia que é uma das revelações mais extraordinárias do seu talento.<sup>39</sup>*

*Por causa dessa poesia, Manuel Bandeira, que tinha por Prudente afeição de irmão mais velho, me chamava a atenção para esse aspecto, dizendo:*

***“Prudente é um dos motores e intelectuais mais poderosos da sua geração, não é um motor rápido, é um motor possante. Prudente gosta de jornal; olhado de longe, a cabeça dele parece uma rotativa, máquina pesada, mas se se olhar de perto***

---

<sup>39</sup> Alusão ao poema *A Cachorra*.

*tem uma porção de rodinhas e aquilo tudo está mexendo.”*

A amizade que nasceu na infância se desenvolveu por toda a vida, tornando o convívio mais estreito entre um e outro. A seguir foi reproduzido o relato de Affonso Arinos sobre um dos momentos finais de Prudente:

*(...) No fim da vida, o espetáculo que ele me ofereceu foi uma das coisas mais pungentes que conservo na memória. Na última visita que lhe fiz — eu sabia que ele estava perdido e ele também sabia — na hora em que me levantei para sair, contei qualquer coisa engraçada e ele começou a rir, com grande éclat. De repente me voltei e vi Prudente, com aqueles olhos claros completamente alagados de pranto e um riso na boca, rindo e chorando ao mesmo tempo. É a imagem que conservo dele, aquela imagem de força, de ternura, de bondade (...)*

Por esses depoimentos de Affonso Arinos de Mello Franco foi possível conhecer um pouco melhor o homem Prudente, a fugacidade do seu lado literato e político — que sendo fugaz, fez vida solta, e limitariamente livre. A reconstrução de alguns cenários, de acontecimentos políticos, das descobertas literárias, da “boemia existencial”, foram esboços oscilantes sobre o retrato de Prudente de Moraes, neto, que na exposição de Affonso Arinos, ganhou vivacidade e lirismo numa hábil reconstrução de memória.

E ainda a respeito dessa fugacidade que impediu o autor de se vincular com mais afinco às atividades exercidas por ele, com a notícia da sua morte, Tristão de Athayde disse:

*Ele foi uma personalidade de importância extraordinária, talvez bem maior do que aquela que se possa aquilatar pelos traços que deixou, porque sempre foi um engajado, não se dedicando à feitura de uma obra pessoal. Participou intensamente da vida política brasileira, com uma coerência absoluta, guardando sempre as posições que teve, desde a juventude.<sup>40</sup>*

Quanto à variada bagagem de conhecimento de Prudente de Moraes, neto, Emanuel de Moraes relatou:

*Seu conhecimento não estava nos livros, mas sim no esmero modo de raciocínio: As frases lhe saíam inteiras, dificilmente mudava uma palavra. Sentava e escrevia e isso não é mito, é verdade.*

---

<sup>40</sup> ARINOS, Afonso. Retrato íntimo de Prudente. *Boletim Especial da ABI* – mar. 1978.

PRUDENTE DE MORAES, NETO, E SÉRGIO BUARQUE DE  
HOLLANDA

Sérgio Buarque de Hollanda nasceu em São Paulo no ano de 1902 e veio a falecer em 1982. Em 1925 formou-se em direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, profundo conhecedor dos temas da cultura brasileira, publicou em 1936 *Raízes do Brasil*, considerada uma das obras clássicas do ensaio sociológico e histórico brasileiro. Dedicou-se à literatura colaborando com alguns artigos para *Estética*, mas assim como Prudente, não dedicou-se apenas à crítica literária, desenvolveu muitos estudos sobre a história do Brasil (assunto pelo qual nos dias de hoje é muito conhecido e estudado).

*(...) Sérgio Buarque de Hollanda (...) ele era naquele tempo um companheiro de 24 horas por dia, pode-se dizer. Passava a manhã, a tarde e a noite, até madrugada, ia me levar em casa, depois eu ia levá-lo em casa, e tudo isso discutindo literatura.<sup>41</sup>*

Mas nem por isso concordavam em tudo. Em uma entrevista<sup>42</sup> concedida ao jornal *O Estado de São Paulo*, a propósito do aniversário de 70 anos de Prudente, Sérgio relatou: “Prudente tem um lógica

---

<sup>41</sup> A juventude de Prudente nas recordações de Sérgio Buarque de Hollanda. *O Estado de São Paulo*, 19 abr. 1974

<sup>42</sup> Op. cit.

perfeita e convincente — o problema é que as coisas nem sempre são lógicas...”. E Sérgio Buarque reviveu nessa sua afirmação uma das características evidentes em Prudente: o racionalismo, uma peculiaridade um tanto contraditória, que convivia, na mesma personalidade, com a irracionalidade, já que o autor também permitia se enveredar pelos caminhos enigmáticos e quase nunca lógicos da produção surrealista, sobre a qual confiou importância durante toda sua vida. A teimosia também é citada por Sérgio como inerente ao autor de *A Cachorra*:

*(...) Quando ele mete uma coisa na cabeça, não há quem o faça mudar de idéia. Um dia quase nos pegamos num botequim. Pedi um fósforo no balcão. Ele me corrigiu: você deve pedir uma caixa de fósforos. É claro que o português me entendeu e me entregou uma caixa inteira de fósforos — e não, apenas, um palito. Mas ele não deu o braço a torcer; continuou reclamando contra a minha falta de exatidão.<sup>43</sup>*

#### PRUDENTE: O BOÊMIO<sup>44</sup> E MARGINAL

As conversas se davam nas mesas de bares — os assuntos variavam entre samba, futebol e história e foi em meio a essas conversas que se formou a base do livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda.

---

<sup>43</sup> Op.cit.

*Conversamos uma noite inteira sobre um livro que se chamaria Teoria da América e que acabou se transformando na base de **Raízes do Brasil**.*<sup>45</sup>

Nas rondas noturnas pela cidade é que as idéias eram discutidas constituindo a formação dos pensamentos de um e outro:

*Andávamos muito. Tanto, que um dia, para variar, resolvemos subir um morro e quando descemos do outro lado quase fomos presos: estávamos dentro do forte de Copacabana.*<sup>46</sup>

E, segundo Sérgio Buarque de Hollanda, foi na livraria Garnier que Prudente conseguiu converter ao modernismo o acadêmico Alberto de Oliveira.

---

<sup>44</sup> Boêmio. Adj. 1. (Indivíduo) que trabalha pouco, e vive em farras. 2. (Indivíduo) que convive com artistas, em noitadas musicais ou farras de bar em bar. 3. Vadio; cigano.

<sup>45</sup> Op.cit.

<sup>46</sup> Op.cit.

O lado boêmio do autor transcende do sentido restrito que esse termo possa a adquirir. Affonso Arinos declara que Prudente era possuidor de uma “Boemia existencial”, ou seja, a liberdade era vivenciada não somente com relação a literatura, mas esta se estendia para todos os setores da vida pública e particular do autor. A seguir segue um relato do amigo de infância, Affonso Arinos de Mello Franco:

*(...) boêmia existencial que ia juntamente com esta inocência, uma inocência profundamente arraigada de alma e uma vida que eu qualificaria com esta expressão: uma vida solta, uma vida existencialmente boêmia que levou durante muitos anos. Ele levou uma vida pelos bares da Praça Onze, pelas gafieiras dos subúrbios, pelas ligações especiais, de tipo pouco previsível num homem daquela categoria intelectual e social: enfim, era uma contradição estranha àquela imutável integridade e aquela vida non chalante, aquela vida dispersiva.*

Sérgio ainda relatou sobre a amizade entre Prudente e Mário de Andrade —

*Ficaram particularmente amigos assim que se conheceram e durante anos mantiveram uma discussão epistolar sobre o que é mais importante para quem escreve: a comunicação ou a expressão.*

Mas, por outro lado, Prudente gostava de assuntos que Sérgio não suportava: futebol, cavalos e questões jurídicas. Ainda recordando o lado boêmio do amigo, lembrou:

*(...) e uma das melhores noites que me lembro de termos atravessados juntos, foi num cafezinho do Catete, cantando e falando de samba, com Donga, Pixinguinha e Patrício Teixeira.*

Como disse Affonso Arinos de Mello Franco, Prudente era possuidor de uma “boemia existencial”, o que se pode, talvez, considerar como expressão de uma vontade intrínseca de não se filiar, de não se comprometer com tendências políticas, literárias, filosóficas, procurando manter-se “livre” de designações e títulos.

Ainda com relação à boemia, Emanuel de Moraes, primo de Prudente disse:

*Já presidindo à ABI (Associação Brasileira de Imprensa), muitas vezes Prudente e eu, após o expediente, íamos beber chope no Vermelhinho (bar próximo a ABI) e ficávamos até 4 ou 5 horas da manhã. Aos domingos à noite discutíamos literatura.*

Mais especificamente, no ano de 1968, Prudente de Moraes, neto, escreveu para o jornal *O Estado de São Paulo* artigos sobre Música popular brasileira (MPB), uma de suas paixões.

A amizade com Sérgio Cabral foi consolidada pelo gosto particular de ambos pela MPB, pelas conversas sobre todos os assuntos que *‘hon è una cosa seria’*. Mas a paixão dos dois amigos não se destinava somente à música, estendia-se à literatura. E foi no jantar de comemoração dos 70 anos de Prudente, que Sérgio Cabral teve a oportunidade de conversar, pela primeira vez, com Carlos Drummond de Andrade.

*No Jantar do Prudente*

*Dois episódios absolutamente pessoais, ocorridos durante o jantar em homenagem aos 70 anos de Prudente de Moraes, neto, mas que gostaria de contar para vocês.*

*1 — Logo que comecei a escrever este Esquema Carioca falei da minha timidez, que não me permitia ir até a casa de Di Cavalcanti para buscar um desenho que ele me ofereceu. Pois, durante o jantar, ele me perguntou:*

*— Afinal, você vai ou não vai buscar o seu desenho?*

*Nunca falei com Carlos Drummond de Andrade. Mas é claro que sempre tive vontade de falar. E ele estava no jantar. E pensei em abordá-lo da seguinte maneira; “Já fiz uma entrevista imaginária com o senhor n’O Pasquim. O senhor leu?”. Findo o jantar, coloquei-me estrategicamente por um caminho onde o poeta-maior teria que passar. Mas Sérgio Buarque de Hollanda ia saindo, despediu-se de mim e falou qualquer coisa. Me distraí. De repente, alguém me cutucou:*

*— Como vai o meu entrevistador?*

*Estou tremendo até agora. Era ele.*

*Diário de Notícias — 26 maio. 1974*

Em outra nota é a lembrança do encontro entre Prudente de Moraes, neto, e Ismael Silva que é relembrada por Cabral:

*Uma lembrança de meu querido Prudente de Moraes, neto: o reencontro que promovi de Ismael Silva com ele, depois de muitos anos sem se verem. Abri a porta da sala e introduzi o compositor. Prudente apertou os olhos e o reconheceu emocionado:*

*— Ismael!*

*E Ismael:*

*— Prudentinho!*

*E se abraçaram durante alguns minutos.*

*O Globo — 22 dez. 1977*

O futebol também interessava o autor de *A Cachorra*. Em um artigo ele explicou o seu amor de torcedor incondicional pelo time do Madureira.

Para retificar um provável engano que o repórter do jornal *Diário de Notícias* deva ter cometido, ao citar o time pelo qual Prudente seria torcedor, este enviou uma carta à redação desse mesmo jornal para retificar que o seu time era mesmo o Madureira: “(...) O fato, porém, é que sou torcedor do Madureira, que continua em atividade, sempre com esperança de recuperação”.

## PRUDENTE DE MORAES, NETO, E FERNANDO SABINO

Fernando Sabino telefonava para Prudente nas madrugadas em que este trabalhava na redação do *Diário de Notícias* e relembra, em um artigo publicado no jornal *O Globo* em 24 dez. 1977, as conversas telefônicas trocadas entre os dois.

Artigo este, em que Fernando Sabino expôs a posição reflexiva que Prudente se encontrava quando foi lecionar e, ao mesmo tempo, dirigir a Universidade do Distrito Federal, em uma matéria chamada Técnica e Crítica Literárias, (no plural) e vale lembrar, que uma das atividades que Prudente se referia com orgulho e satisfação, era justamente a licenciatura que praticou nessa Universidade, de 1936 a 1939. Preparando as aulas que deveriam ser ministradas e refletindo sobre a disciplina sobre a qual lecionaria, Prudente concluiu:

*Técnica e Crítica Literárias. Técnica, evidentemente, queria dizer a maneira certa de fazer determinada coisa. Crítica era a verificação, nessa coisa, se a técnica foi convenientemente aplicada. E literatura? Que queria dizer literatura?*

A resposta não foi encontrada. Para Literatura os dicionários designaram a seguinte explicação: “o conjunto de obras literárias de

um país ou uma época”. E o que seriam obras literárias? “a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou em verso”. Mas a dúvida permaneceu quanto a definição precisa do que poderia ser considerado prosa, verso, literatura.

— *Descobri que literatura não existe, senão em função da antropologia, da sociologia, da psicologia, da filosofia...*<sup>47</sup>

Quanto à disciplina lecionada por Prudente na extinta Universidade do Distrito Federal, seu primo Francisco de Moraes Dória relembrou: “Teoria e Crítica Literárias — eu me lembro dele enfatizando o plural — é provável que essa preocupação com a teoria e com a crítica venha desde os anos 30”. E acrescenta:

*Neco conversando com o meu pai sobre a experiência de lecionar Teoria e Crítica Literárias, eu me lembro da preocupação do Neco com a perspectiva teórica, a teoria literária; eu não me lembro das linhas gerais, do enfoque, nada disso, mas eu me lembro que ele tinha um cuidado imenso com o fato de você não poder fazer só literatura, você tinha que também fazer, com que as duas coisas andassem juntas, de certa maneira.*

Com relação à paixão pela literatura, Fernando Sabino relatou:

---

<sup>47</sup> SABINO, Fernando. Conversa com Prudente: 13 anos de Revolução. *O Globo*, 24 dez. 1977.

*Literatura — nossa paixão. A minha, que eu perseguia noite a dentro e "me mastigava os últimos restos de memória", como a cachorra de seu célebre poema; a dele, vivida desde antes que eu tivesse nascido e a despedaçar-lhe o coração, a ponto de levá-lo a desejar morrer:*

*— Manuel, eu vou me matar.*

*Ele que comia, bebia, respirava literatura, não encontrava o seu caminho. Mas o poeta e irmão mais velho apontou a escassez da própria obra ao fim de tantos anos dizendo com a sua risadinha seca:*

*— É assim mesmo. Descobri que se passo muito tempo sem escrever, é porque as coisas estão indo muito bem.*

*Eu me lembro também à saída do jornal, junto ao balcão de um botequim na Praça Tiradentes, ele me perguntando fraternalmente, quando paguei o café, se podia ficar com a moeda do troco para o bonde.*

*— Está sem trocado? — perguntei.*

*— Não. Estou sem dinheiro.*

Mesmo pertencendo à família aristocrática, Prudente de Moraes, neto, ao que parece, viveu a maior parte do tempo, uma vida econômica em baixa. Em algumas das correspondências encontradas, o autor se referiu, com certa frequência, às suas dificuldades financeiras. Segundo o seu primo Emanuel de Moraes isso acontecia porque Prudente “não ligava muito para dinheiro”. Ainda é Fernando Sabino quem diz: “É homem de largar tudo atrás de si, ao partir para uma nova aventura do coração”.

Ainda segundo o seu primo Emanuel de Moraes, no final da década de 60, Prudente de Moraes, neto, se separou da sua primeira esposa para casar-se com Lucie Ribeiro, ex-empregada da família, e

pelo comentário de Fernando Sabino, citado acima, isso deve ter implicado em algumas perdas econômicas. Mas foi o caminho escolhido pelo autor, que entre a educação recebida à francesa, a família aristocrática, a roda social, preferiu escolher um caminho “marginal”, seguindo as suas próprias vontades.

Já em 1917 o autor demonstrava as diferenças entre seus ideais e os de sua família. Foi quando iniciou um curso sobre Anarquismo, ministrado pelo Prof. José Oiticica, no Colégio Pedro II, indo contra os preceitos políticos familiares, que eram essencialmente republicanos.

E no decorrer da vida, foi assim, traçando seu próprio caminho. Recusou participar efetivamente da política, da literatura, não quis se prender às instituições, se deixou livre para atuar no campo das idéias, colaborando com isso em vários setores da vida pública. Preferindo optar por uma caminho mais aberto, escolhendo para si, não o título de professor, político, literato, mas sim, talvez, o de “Pensador”.

E o seu lado “marginal” não termina por aí. Enquanto o samba era a música do morro, sendo mal vista pelas classes sociais mais distintas, Prudente recebia na redação do *Diário Carioca*, Ismael Silva e lá mesmo é que faziam a sua roda de samba.

PRUDENTE DE MORAES, NETO, E PEDRO NAVA

Pedro Nava deixou registrada sua amizade e admiração pelo amigo carioca, Prudente de Moraes, neto, em uma publicação para a revista *Mele*, editada em Honolulu, Hawaí, periódico que tinha, por essa época, como editor-chefe Stefan Baciú e co-editor o poeta Carlos Drummond de Andrade:

*Conheci Prudente de Moraes, neto, por volta de 1917 ou 1918 no glorioso e querido Pedro II. Vestia sempre nosso segundo uniforme, cuja gola, comportava, lado a lado, na frente, um pedacinho de tre sobre o qual se espalmavam ramos prateados de carvalho. Era menino ar às vezes alegre, ora tristonho mas invariavelmente bom. Essa bondade jorrava de grandes olhos claros, muito fixos e muito observadores. Olhos de quem estava curtindo a vida linha por linha, hora por hora. Ele era amorável, generoso, comunicativo e possuía todas as armas da infância.*

*Depois saímos do colégio e fomos nos reencontrar nos tempos de Estética quando ele e Sérgio Buarque de Hollanda estiveram em Belo Horizonte, planejando o lançamento. Convidou-me para representar a revista em Minas. Pediu-me que ilustrasse um de seus anúncios. Como é que eu podia adivinhar que isto ligar-me-ia, historicamente, nos pródromos do modernismo?*

*Veio o Rio e aí — foi para sempre. Agora não era mais Prudente mas Pedro Dantas — crítico literário, comentarista político, poeta bissexto, jornalista, memorialista, polígrafo e mestre. Passei a admirar nele, o bom gosto, a oportunidade, a poesia, a qualidade da lembrança, a precisão do noticiarista, o valor da marcação temporal, a variedade do saber e a inata didática. Tudo o que compõe essa fabulosa criatura humana. E digo fabulosa porque, conhecendo-a da infância — posso testemunhar que o Homem não*

*matou a Criança. Vieram os óculos, os cabelos brancos. Vieram... Mas quando olho Pedro Dantas, com seu chapéu e sua bengala, quem vejo é o Pruda, o neto, o menino que ele soube conservar contra tudo, contra todos, contra si mesmo, contra a Vida.*

Vale acrescentar ainda, que nos cinco volumes das memórias publicadas por Pedro Nava, ou seja, *Balão cativo*, *Chão de ferro*, *Beira-Mar*, *Galo das trevas* e *Círio perfeito*, a figura de Prudente é sutilmente invocada em meio à construção de imagens e cenários.

Assim como Affonso Arinos, Pedro Nava foi, na infância, vizinho de Prudente:

*(...) Chama-se Prudente de Moraes, neto, aliás, Pedro Dantas. Meu vizinho na infância. Contemporaneamente nos impregnamos na rua Aristides Lobo como se fôssemos esponjas. Quando as esprememos, aí por volta dos anos trinta, dele veio A Cachorra e de mim, O Defunto. Poemas do Rio Comprido. Poemas da frustração do corpo, do sofrimento de alma e corpo, da miragem de qualquer depois, nos aléns da vida e ou nos aléns da morte (...)<sup>48</sup>*

Em conversa com Fernando Sabino Prudente comentou a afinidade entre ele e o amigo Pedro Nava:

*(...) E durante duas horas e meia me falava da sua vida: a infância em Rio Comprido, na mesma rua em que morava seu futuro grande amigo Pedro Nava:  
— Não nos conhecíamos então, mas descobrimos mais tarde que olhávamos as mesmas nuvens.*

---

<sup>48</sup> NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. 9ª ed. São Paulo: Giordano, 1999.

PRUDENTE DE MORAES, NETO, E FERREIRA GULLAR

Prudente de Moraes, neto, em um dos seus artigos, encontrado em original, na FCRB, destinava ao amigo Ferreira Gullar o título de *O último poeta, poeta*, no qual discutia a racionalidade e o lirismo de Gullar.

Após a morte de Prudente, Ferreira Gullar relembrou a maneira da atuação de Prudente quando este trabalhava nos jornais como redator-chefe.

*Conheci Prudente no antigo Diário Carioca, por volta de 1952. Eu era um jovem poeta chegado ao Rio e Prudente publicou um dos meus primeiros artigos aparecidos na imprensa do Rio, uma matéria sobre Cassiano Ricardo. Depois, quando publiquei Luta Corporal — meu primeiro poema saído no Rio — ele se tomou de muito entusiasmo pela minha poesia.*

*Prudente costumava dizer que a poesia está acabando e que, os Poetas são um gênero em extinção, Dizia, brincando, que eu sou O último poeta. Como Luta Corporal termina com a fragmentação das palavras, ele tomava isto como comprovação de sua tese. Fui trabalhar como redator no Diário Carioca em 1956. Prudente era o chefe de redação. Sempre bem humorado, permitia todas as esculhambações. A redação do Diário Carioca era uma redação bem humorada. Por baixo de uma aparência sóbria, circunspecta, Prudente exibía um senso de humor fino. Vivia estimulando brincadeiras, especialmente com Pompeu de Souza, diretor do jornal na época, e que também era dado à brincadeira. Era um chefe de redação que nunca dava “brincas” em ninguém.*

*Tornei a encontrar Prudente em 1959, no Diário de Notícias onde ele também era chefe de redação. E, depois, em 1962, na sucursal do Estado de*

*São Paulo, para onde ele me levou e onde estou até hoje. Em todos estes lugares, o mesmo bom humor. Gostava de samba, era amigo pessoal de Ismael Silva de quem recebia visitas freqüentes na redação do Estado<sup>49</sup>. Tínhamos uma salinha vizinha à redação e era ali que Prudente recebia Ismael para um papo e para muitas vezes entoar um samba.<sup>50</sup>*

---

<sup>49</sup> Prudente recebeu o sambista Ismael Silva na redação dos jornais: *Diário de Notícias* e no *Estado de São Paulo*.

<sup>50</sup> GULLAR, Ferreira. *Folha de São Paulo*. 24 dez. 1977.

## PRUDENTE DE MORAES, NETO, E RIBEIRO COUTO

Por meio das cartas trocadas entre Prudente de Moraes, neto, e Ribeiro Couto pode-se perceber não só a amizade, mas também as questões literárias discutidas por um e outro escritor.

A seguir há a reprodução de alguns trechos de uma das correspondências enviadas por Ribeiro Couto à propósito do primeiro encontro entre ele e Prudente.

*(...) Havia um grupo de pessoas contentes a falar alto — como é preciso que se fale sempre sob aquele céu. Em frente ao armazém do Plínio, no Capivari, alguém gritou o meu nome, chamando-me. E um mocinho de uns 18 anos, magro, moreno, de olhos grandes, olhou-me fixamente, meio minuto longo, como uma criança espantada fazendo uma descoberta. Depois, na Pensão Inglesa, no outro dia, soube que era V. E fiquei compreendendo os olhos fitos...*

*V. não avalia quanto me fez bem aquele olhar! É claro: a gente não demonstra essas coisas, vai passando, vai continuando a falar alto... Senti-me, porém, afirmado. Por força, aquele rapaz devia saber que o meu nome (de mim, que não tinha mais esperança de nada e era o mesmo que meia dúzia de pessoas acreditavam, no Brasil, haver um brilho de estrelinha (Cadente). E naquelas alturas, entre boas pessoas muito interessadas na minha saúde! Que diabo, numa hora dessas o espírito também reclama um pouco de afago.<sup>51</sup>*

---

<sup>51</sup> Correspondência encontrada no IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), datada em 26 set. 1925.

Quanto à revista *Estética*, Couto Ihe fez o seguinte elogio:

“(...) Meus parabéns a V. e ao Sérgio Buarque de Hollanda (de quem só tenho notícias de raro em raro pelo Manuel). A *Estética* está valente.<sup>52</sup> E nessa mesma missiva, se referiu à poesia Baependi, de Pedro Dantas:

*(...) Imagine, o nosso médico, aqui, em Pouso Alto, é de Baependi. E como eu tive um extraordinário gozo com o seu poema, que considerei sob todos os pontos admirável (menos aquele pedacinho citatório, insignificante, que termina: — absoluto das relatividades Einstein, etc, fiz questão de ler-lh’o (sic).*

*Antes, já mostrara eu ao delegado de polícia de Cachoeira, Menino de Campos Lobato. Li-o com explicações, com pausas, com os versos ditos de escorregadio por inteiro, sem ênfase, sem Ângela Vargas (o que estraga um poema). Ele gostou imenso.*

*A impressão foi esta; ele sentiu-se diminuído no seu orgulho de baependiense. Porém, achou “absolutamente exato”, e isso é que o humilhou! Pois não queria que o país soubesse das habilidades do sacristão e do regime penitenciário local...*

*Vindo aqui outro médico, Dr. Estevan Enout, de Caxambu, que conhece, ou é também de Baependi – o Dr. Estevan foi de opinião que o futurismo é maluquice, que Santos não chamará Santos e sim “a terra de Martins Fontes” e que V. se voltar a Baependi apanha.*

---

<sup>52</sup> Correspondência encontrada no IHGB (Instituto Histórico Geográfico e Brasileiro), datada em 26 set.1925.

## MORAES E PEDRO EM PRUDENTE

*(...) É um destino ausente mas uma presença constante (...)*

Affonso Arinos de Mello Franco

Devido ao desconhecimento de toda a obra do autor estudado em questão, ainda não foi possível tê-lo de corpo inteiro. As poesias ainda inéditas, segundo seu primo Francisco Dória, os volumes da obra *Convite à filosofia*, que ora são considerados os artigos escritos para o jornal *O Estado de São Paulo*, ora são considerados como obras independentes, os outros escritos ainda não encontrados, como a correspondência entre o autor e Jorge Luís Borges, durante a década de 30, lacunas que deixam, de certa forma, o trabalho em aberto.

Na entrevista com o primo de Prudente, Francisco Dória, uma das coisas que relatou foi que o “Neco era amigo do Jorge Luís Borges”.

*O período de início da circulação da revista SUR — que foi em 1929-1930, quando eles se corresponderam, eu sei que eles trocaram muitas correspondências e eu me lembro que o Neco me disse: — ‘Somos muito amigos, muito amigos mesmo’, foi o comentário dele. E a frase foi essa: ‘Enquanto nós fazíamos o modernismo aqui eles faziam um movimento semelhante na Argentina’.*

Com a morte de Prudente a sua biblioteca particular foi destinada ao seu primo Emanuel de Moraes, que enviou a maioria do material à FCRB e ao IHGB, mas Dória disse que ficou com os livros escritos em alemão:

*Tinha uma quantidade imensa de livros em alemão na Biblioteca do Neco. Neco lia em alemão e esses vieram todos para mim. Mas eu peguei também o que o Borges mandou para ele Inquisiciones — livro de capa de papel embrulho verde. Gráficamente é uma das coisas mais bonitas que eu já vi: o livro todo composto em bodone, lindíssimo.*

Assim, não tendo-o de corpo inteiro, os artigos a seguir, aqui reunidos, a fragmentada fortuna crítica exposta neste prefácio de apresentação do autor, permite apenas *entrevê-lo* em suas atividades, como se o leitor estivesse às portas de algum teatro, como espectador, sentado nos degraus, do lado de fora, sem a visão total de “seu” palco, sem o conhecimento de toda sua obra, esperando que, um dia, as portas sejam abertas para que se pinte, com mais firmeza, o retrato do Homem-poeta — Prudente de Moraes, neto.

E se as incógnitas sobre a obra do autor ainda hoje se fazem presentes, é válido acrescentar que esse mesmo mistério participava de sua personalidade, mesmo aos amigos mais próximos, como no

depoimento reproduzido a seguir, e que, de certa forma, traduz toda a obscuridade, os entremeios, o ainda não visto de “Pedro-Morais”.

*E no leito de morte ele nos disse; estávamos eu (Emanuel de Moraes) e a Lucie (segunda esposa de Prudente):*

*Tem uma coisa que eu não conto nem pra você (Eu), nem pra você (Lucie), nem para o Drummond...*

O sentido desse “segredo” o poeta Emanuel tentou traduzir em um de seus versos, poesia que o presente trabalho teve a oportunidade de reproduzir, ainda inédita em periódicos, e que segundo o próprio autor, foi “a última poesia que saiu de dentro, de inspiração” que ele fez: “*Pedro Dantas / a sua angústia você não contava a ninguém/*”.

#### *A Pedro Dantas*

*A sua angústia,  
você não contava a ninguém  
— ela vinha de cima.  
E você passeava, sem sofismas,  
sobre as estéticas,  
sobre os livros de filosofia.  
Do ritmo dos seus gestos,  
da sábia justaposição das palavras,  
o mundo surgia  
com simplicidade,  
desvaneciam-se as dores,  
as janelas entravam pelo sol,  
os pássaros revoavam nos cabelos,  
cantando de amor.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira (séculos XVI-XX)*. São Paulo: Saraiva, 1955.
- ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do estudante, 1942.
- ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. Poesias reunidas. In: *Obras completas*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. v. 7.
- BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros bissextos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Livraria Zélio Valverde, 1946.
- \_\_\_\_\_ *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Aguillar, 1958. 2v.
- \_\_\_\_\_ *Prosa*. (Org. Antônio Carlos Villaça). Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro — I. Antecedentes da semana de arte moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOPP, Raul. *Vida e morte da antropofagia*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 1977.
- \_\_\_\_\_ *Movimentos modernistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- \_\_\_\_\_ *Seleção em prosa e verso*. (Org. Prof. Amarilles Hill). Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. 5 ed. São Paulo: USP, 1975.
- \_\_\_\_\_ *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945.
- \_\_\_\_\_ *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- \_\_\_\_\_ *Literatura e sociedade*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959. v. 1

- \_\_\_\_\_ *Livros na mesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- CHAVES, Flávio et ali. *Aspectos do modernismo brasileiro*. Rio Grande do Sul: UFRS, 1970.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade – Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul América, 1968. 2v.  
\_\_\_\_\_ *Da crítica e da nova crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
- ELIOT, T. S. *Tradição e talento individual*. In: *Ensaio* (Trad. de Ivan Junqueira). São Paulo: Art, 1980.
- ESTÉTICA – 1924/1925*. (Ed. facsimilada). Rio de Janeiro: Gernasa, 1974.
- GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. 16 ed. (Trad. Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- GRIFFITHS, Paul. *Enciclopédia da música do século XX*. (Trad. Marco Santarrita et al). São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 1986.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (Org. Francisco de Assis Barbosa). 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- IKEDA, Marilda Balieiro. *A contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. Revista do Brasil (II fase). São Paulo, 1975. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- JUNG, Carl Gustav. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KOIFMAN, Georgina. *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto 1924/1936*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- LAFETÁ, João Luís. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas cidades, 1974.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O crítico literário*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Meio século de presença literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. *Pressão Afetiva e aquecimento intelectual*. Cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932). (Org. Cecília de Lara). São Paulo: Giordano: Lemos: EDUC, 1997.
- MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1965.
- \_\_\_\_\_. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.
- MORAES, Marcos Antônio de. *Correspondência de Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP-IEB, 2000.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira*. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. São Paulo: Giordano e Ateliê editorial, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. 4 ed. São Paulo: UNICAMP, 1997.
- PAZ, Octávio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O arco e a lira*. (Trad. O. Savary). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESSOTTI, Isaías. *A loucura e as épocas*. 2 ed. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- PRIESTLEY, J.B. *A literatura e o homem ocidental*. (Trad. Aurélio Gomes de Oliveira). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.
- POUND, Ezra. *ABC da literatura*. (Trad. A. de Campos e J. P. Paes). São Paulo: Cultrix, 1970.
- REBELO, Marques. *O trapicheiro (1936-1938)*. Primeiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1959.

\_\_\_\_\_ *A Mudança* (1939-1941). Segundo Tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1962.

\_\_\_\_\_ *A guerra está em nós* (1942-1944). Terceiro tomo de *O espelho partido*. São Paulo: Martins, 1968.

RIBEIRO, João. *Os modernos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, 1973.

SENNA, Homero. *República das Letras*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

WELLEK, Renè. *História da crítica moderna*. São Paulo: Herder/EDUSP, 1972.